

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXII | 337 | Setembro 2023



Reforço energético

Com maior produção no campo e oportunidade de armazenamento o ano todo, cresce uso do milho como matéria-prima para a fabricação de etanol no Brasil



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Vinhos:

História, produção e harmonização

Mergulhe no fascinante mundo dos vinhos
Entenda sua trajetória, produção e nuances



Do plantio à taça, entenda cada etapa

- **Módulo 1:** Produção de vinho no Brasil e no mundo
- **Módulo 2:** Tipos de uvas e classificação dos vinhos
- **Módulo 3:** Análise sensorial de vinhos
- **Módulo 4:** Harmonização de vinho e comida

Aprenda a Harmonizar com os sabores do cerrado



Carga horária: 10h



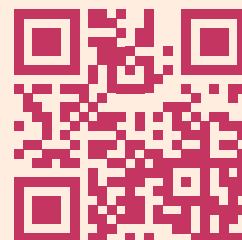
Gratuito



Com certificado

Matricule-se agora e
embarque nessa jornada!

www.ead.senargo.org.br



Palavra do Presidente

Antecipar cenários e fornecer informação qualificada

É muito bom quando podemos compartilhar expectativas de crescimento e de novos mercados a serem explorados no nosso vasto agro. Nesta edição, duas matérias especiais ressaltam justamente isso. A primeira delas, que é a matéria de capa, trata do crescimento da produção de etanol de milho, em Goiás e no País. Diante da produção elevada, boa parte desses grãos tem sido destinada não só para a alimentação animal, como também para o setor energético. E essa produção tem grandes chances de conquistar novos patamares, especialmente pelos recordes alcançados por nossos produtores a cada nova safra.

Além disso, o etanol de milho se soma a um vasto leque de opções de energia limpa, produzida a partir de fontes renováveis, em substituição às fontes fósseis. É mais um degrau alcançado e feito sob bases sólidas, que provam que nosso agro é sustentável e procura sempre ir além, sendo referência para o mundo.

Temos muitos desafios pela frente para otimizar essa produção, como bem explica a matéria. Outros estudos, por exemplo, têm se valido de incentivos para o setor industrial e Goiás precisa seguir nessa vertente. O Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais é um grande incentivador disso e nosso diálogo é permanente para a construção de políticas públicas e incentivos ao setor agropecuário, com vistas ao crescimento econômico e social do nosso Estado.

Em outra matéria, trazemos um especial sobre a produção de trigo no Estado que é outro grande potencial de retorno para o nosso agronegócio.

Em agosto de 2021, a capa da Revista Campo foi sobre esse horizonte que ainda se desenhava. E, hoje, o que trazemos é que, após investimentos em cultivares, manejo e assistência técnica, nosso Cerrado consegue não só produzir trigo, contribuindo para o abastecimento do País, como produzir um grão de qualidade.

Muitas vezes, o trabalho da Campo, bem como de todo o Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais, é antecipar cenários e municiar o produtor de informações para a tomada de decisões. Você vê isso também na Prosa Rural desta edição que trata sobre projeções sobre o ciclo pecuário. Queremos que você esteja informado e preparado. Que as informações aqui contidas se somem ao trabalho dos nossos técnicos no campo, com nossa Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), com nossos cursos do Senar Goiás, com os estudos do Ifag e todas as outras ações do Sistema.

Essa complexa unidade que é o nosso Sistema trabalha em prol do produtor. E esperamos que os retornos sejam sempre em ganhos para toda a sociedade. Boa leitura!



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Eduardo Veras de Araújo, Dirceu Borges e Arthur Toledo.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: Fredox Carvalho.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: AdobeStock.

Fotos do Painel Central: Divulgação, Fredox Carvalho, Lucas Diener, AdobeStock e Wenderson Araujo.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 / comunicacao@faeg.org.br.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e José Vitor Caixeta Ramos.

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva.

Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antonio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Suplente: Geovando Vieira Pereira.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: Daniel Klüppel Carrara, Elias D'Angelo Borges, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino, Wildson Cabral Santos e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Sebastiana de Oliveira Batista, Tiago Freitas de Mendonça, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, José Ricardo Caixeta Ramos, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

FAEG - SENAR

Rua 87 n° 708, Setor Sul CEP: 74.093-300
Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3096-2200 Fax: (62) 3096-2222
E-mail: faeg@faeg.com.br

Fone: (62) 3412-2700 e Fax: (62) 3412-2702
E-mail: senar@senargo.org.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Accesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200



Caso de Sucesso

16

Por meio de capacitação do Senar Goiás, empreendedoras goianas, como Lara Martins, conseguem melhorar renda

Trigo

23

Em busca de autossuficiência, Brasil tem investido cada vez mais na produção do cereal. Cerrado surge como oportunidade para ampliar mercado



Encontro

28

Evento realizado pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais mostra importância da participação feminina no agro



Prosa Rural

12

Médico veterinário e editor do informe e podcast de mercado pecuário 'Notícias do Front', Rodrigo Albuquerque

06

Porteira Aberta

31

Academia de Liderança/
Informes Batalhão Rural

07

Ação Sindical

33

Mitos e Verdades

08

Sistema em Ação

34

InfoSenar

15

Opinião

37

Receitas
do Campo

30

Tecnologia

38

Dica de Vó



32

Senar Responde

Técnica de Campo do Senar Goiás tira dúvida sobre pulgões em plantas ornamentais

Capa



Com previsão de produção 6 bilhões de litros de etanol de milho na safra 2023/2024, o Brasil deve registrar aumento de 36%. Os números são expressivos e têm crescido a cada ano, mostrando que o segmento tem apostado na diversificação de matéria-prima para a fabricação de etanol no País. O grão é uma opção rentável para a indústria, porque pode ser utilizada durante todo o ano, ao contrário da cana-de-açúcar, que tem o período certo de produção. Goiás também tem registrado crescimento no uso do milho como fonte para a fabricação de etanol, mas ainda são necessários mais investimentos para que o setor se torne competitivo em relação a outros estados, como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

18

Kosher

Brasil e Israel concluíram, em agosto, as negociações para abertura do mercado israelense à carne de frango do Brasil. O Brasil torna-se assim o primeiro país do mundo a exportar carne de frango para o mercado israelense, o que atesta o alto nível de credibilidade e confiança do sistema brasileiro de defesa agropecuária. Representantes do Ministério da Agricultura e Pecuária estiveram, durante o mês, em Israel, onde mantiveram, reuniões com autoridades sanitárias locais e realizaram visitas a estabelecimentos produtivos para coletar informações sobre o processo de produção “kosher” (adequado aos preceitos do judaísmo), ao qual as



Mapa

empresas exportadoras para Israel deverão aderir. Deve-se ressaltar que o abate e o processamento “kosher” não afetam a inocuidade dos produtos nem o cumprimento de preceitos de bem-estar animal.

O país é um dos maiores consumidores mundiais “per capita” de carne de frango e apresenta grande demanda por cortes de maior valor agregado, como o peito e o “shawarma”.

Feijão



Embrapa

Com o objetivo de reduzir os prejuízos causados pela mosca branca nos cultivos do feijão comum, começa em setembro o vazio sanitário da cultura em Goiás. Estabelecida por meio da Instrução Normativa nº 05, de 26 de abril de 2018, da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), a medida fitossanitária visa garantir a

ausência total de plantas vivas de feijão no campo. O produtor rural goiano precisa ficar atento ao calendário, porque o vazio sanitário tem prazos diferentes para cumprimento no Estado, sendo dividido em duas regiões. No caso da região 1, com 80 municípios, o período será de 5 de setembro a 5 de outubro. Já para os que estão inseridos na região 2, que são 153 municípios, o vazio será de 20 de setembro a 20 de outubro. Durante a vigência, que é de 30 dias, deverão ser eliminadas, por meio de controle químico ou mecânico, todas as plantas de feijoeiro comum, cultivadas ou voluntárias.

Acesse a lista dos municípios de cada região



Calculadora

Na hora de implantar ou reformar a pastagem, o produtor sofre com a dúvida sobre a quantidade de sementes a ser plantada. De olho nesse problema, os pesquisadores da Embrapa Gado de Corte (MS) desenvolveram uma calculadora de sementes. A ferramenta fornece uma sugestão da quantidade de sementes forrageiras necessária para a implantação da pastagem. Disponível, gratuitamente, na Plataforma Pasto Certo, ela é resultado da parceria entre a Embrapa, a Associação para o Fomento à Pesquisa de Melhoramento de

Forrageiras (Unipasto) e a Faculdade de Computação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Facom-UFMS). Segundo os desenvolvedores, é útil para o produtor, que pode escolher a quantidade e a qualidade de sementes, estando mais consciente de suas escolhas. Ela foi desenvolvida nas versões Android, iOS (sistema operacional da Apple) e web, e funciona em dispositivo móvel ou em tela cheia (www.pastocerto.com), sem ocupar espaço no smartphone ou desktop, com sincronismo de informações.



Embrapa

Ação Sindical

Rubiataba Receitas do Campo



Divulgação

No dia 31 de agosto, o Sindicato Rural de Rubiataba e o Senar Goiás realizaram a 6ª edição do Festival Receitas do Campo em Rubiataba. O programa tem como objetivo resgatar e divulgar a identidade da família rural por meio da Culinária Rural, demonstrando que os hábitos alimentares pertencem ao patrimônio histórico cultural de cada região goiana.

Firminópolis Operação e Manutenção de Motosserras



Divulgação

De 4 a 6 de agosto, o Sindicato Rural de Firminópolis e o Senar Goiás realizaram o treinamento em Operação e Manutenção de Motosserras. Participaram 11 pessoas, que receberam informações sobre segurança no trabalho, demonstração geral de corte, afiação de corrente, uso como furadeira, preservação do meio ambiente e uso de motosserra, legislação, técnicas de traçamento e desgalhamento, entre outros.

Itauçu Senar Mais Mel



Divulgação

No dia 16 de setembro, o Sindicato Rural de Itauçu e o Senar Goiás realizaram encontro de produtores assistidos pelo programa Senar Mais Mel. O evento foi realizado na Fazenda São José, do produtor rural Claudinei Antônio Luz. O programa de assistência técnica e gerencial do Senar Goiás transforma a vida dos produtores assistidos. Técnicos de campo visitam as fazendas por um período de dois anos, auxiliando o produtor nas tomadas de decisões, implementação de inovações tecnológicas e de gestão, visando melhorar os resultados da propriedade.

Cristalina Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas



Divulgação

De 11 a 13 de setembro, o Sindicato Rural de Cristalina e o Senar Goiás realizaram o treinamento de Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas. Foram abordados temas como legislação de segurança e saúde no trabalho, trânsito, sinalização de segurança e medidas de controle de riscos, princípios de segurança na utilização da máquina, emergência e noções sobre prestação de primeiros socorros, entre outros.

9 PASSOS

PARA CONSTRUIR UM CANTEIRO PARA CONDUÇÃO DO TESTE DE EMERGÊNCIA



Saiba mais em:



China

O Sistema Faeg/Senar/Ifag recebeu, no dia 15 de agosto, visita histórica da delegação da China, comandada pelo embaixador Zhu Qingqiao, que foi recebido pelo presidente do Sistema, José Mário Schreiner. A missão, organizada pelo Governo de Goiás e parceiros, como o Sistema Faeg/Senar/Ifag, teve como objetivo selar a cooperação China-Brasil, em especial o estreitamento comercial com estado de Goiás. Além do embaixador, também participaram da delegação chinesa o ministro, Li Yongzhong, o conselheiro agrícola, Wu Changxue, o conselheiro consular, Sun Yan, o adido civil e intérprete, Liang Tian, e a adida civil e secretária do embaixador, Zhang Wei. Participaram, ainda, da recepção pelo lado brasileiro, o vice-governador, Daniel Vilela, secretários de Estado, o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, os vice-presidentes da Faeg, Eduardo Veras, Armando Rollemberg e Ailton Vilela, produtores rurais e demais autoridades goianas.



Fredox Carvalho

Para registro



Fredox Carvalho

“Essa visita é fundamental para conhecer a forma como produzimos e, principalmente, como temos desenvolvido e para fomentarmos o comércio bilateral. Goiás é um estado que está avançando muito em relação à produtividade e tem alcançado resultados positivos em virtude da tecnologia, inovação e ciência que são aplicadas na agricultura goiana e brasileira.”

José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, ao destacar que a China representa mais de 40% dos destinos das exportações goianas.



Fredox Carvalho

“Temos pela frente novas e brilhantes oportunidades. Certamente vamos conseguir expandir e aprofundar nossa parceria, especialmente no comércio de agro-negócio e investimentos.”

Zhu Qingqiao, embaixador chinês, ao lembrar que as cooperações entre o Brasil e a China estão se ampliando em suas dimensões e explorando novas áreas.

Congo

No dia 4 de setembro, o Sistema Faeg/Senar/Ifag recebeu uma delegação da Embaixada da República Democrática do Congo. A comitiva congolosa esteve na Federação para convidar oficialmente a Faeg para a Missão Econômica, que vai acontecer no Brasil, entre os dias 15 e 27 de outubro. A comitiva foi recebida pelos vice-presidentes da Faeg, Eduardo Veras, Armando Rollemberg, Ailton Vilela e pelo superintendente da Faeg, Claudinei Rigonato. Em reunião, os integrantes da delegação conversaram sobre a possibilidade de intercâmbios para além de comerciais com o estado de Goiás. Os representantes se mostraram interessados em obter treinamentos e capacitação, bem como trocas comerciais nos âmbitos da agricultura e investimento em tecnologia.



Divulgação

Segurança



Com o objetivo de otimizar o trabalho das forças policiais goianas e apostando na inovação no campo, o Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais entregou, ao Batalhão Rural, 90 celulares com tecnologia avançada para uso através do aplicativo APPorteira - portal de relacionamento e serviços ao produtor rural, que conta com ferramentas de prevenção e combate ao crime. A entrega dos equipamentos foi realizada, no dia 22 de agosto, pelo presidente da Faeg, José Mário Schreiner, ao novo Comandante do Batalhão Rural, tenente coronel PM Fábio Costa, e ao comandante do Comando de Operações do Cerrado, coronel PM Saliba. A Faeg ficará responsável pela gestão dos equipamentos garantindo o funcionamento pleno dos sistemas.

Etanol

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) participou, no dia 23 de agosto, do lançamento da Frente Parlamentar Mista do Etanol, que aconteceu na sede da entidade, em Brasília (DF). O vice-presidente da CNA e presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, esteve presente no encontro que reuniu parlamentares, representantes do governo, de embaixadas e lideranças do setor produtivo que destacaram a importância dos biocombustíveis em um processo de descarbonização da economia. Para o presidente José Mário, o modelo energético produzido no Brasil, com energia limpa e renovável, deve ser valorizado como exemplo para o mundo.



Espaço Jovem

Senar Goiás realizada o 2º Encontro Estadual do Programa CNA Jovem

O 2º Encontro Estadual do Programa CNA Jovem foi realizado nos dias 02 e 03 de setembro, em Goiânia. 14 jovens participantes do Programa Faeg Jovem foram selecionados pelo Sistema CNA/SENAR e são de diferentes regiões do Estado de Goiás. O encontro, cuja temática central foi voltada para

a inovação, contou também com a participação dos coordenadores do Programa CNA Jovem, Fernanda Nonato e Caio Vasconcelos.

O Programa CNA Jovem desenvolve conhecimento e oferece diversas capacitações nas áreas de liderança, inovação e sucessão, identificando e desenvolvendo jo-

vens com potencial de liderança na difusão da cultura empreendedora no setor agropecuário. Nesse encontro, os participantes foram provocados a apresentarem soluções para o desafio proposto pelo Sistema Faeg/Senar: “como integrar jovens e sindicatos rurais no Estado de Goiás”.



Participantes do 2º Encontro Estadual do Programa CNA Jovem



Equipe do Programa CNA Jovem

Conhecimento e gestão financeira para a pecuária



Rodrigo Albuquerque

é médico veterinário e editor do informe e podcast de mercado pecuário “Notícias do Front”

Renan Rigo, especial para a Revista Campo

Mais do que entender o ciclo pecuário e avaliar o atual momento, o criador de gado de corte precisa estar atento ao mercado e seus diferentes aspectos. Pensando nisso, o Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais sempre abordou as variáveis envolvidas na atividade, trazendo informação qualificada para auxiliar o produtor na tomada de decisões. Uma dessas ações foi o seminário “Tendências de Mercado: Cenário Internacional

e Eficiência Energética”, realizado no dia 17 de agosto, em Goiânia, no qual reuniu especialistas para abordar cenários e perspectivas. Um dos convidados foi o médico veterinário, pela Universidade de São Paulo (USP), e editor do informe e podcast de mercado pecuário “Notícias do Front”, Rodrigo Albuquerque, que tratou das perspectivas do mercado pecuário no evento. Ele é conferencista em gestão de risco, com atuação no mercado de derivativos agrícolas da bolsa, desde

2008 (milho, soja e boi gordo), e foi gerente de três multinacionais na área técnica-comercial de nutrição e saúde animal. Também é gestor executivo da Fazenda Terra Madre, propriedade de recria-engorda com Integração Lavoura-Pecuária, localizada em Itapirapuã (GO). Nesta entrevista à Revista Campo, ele trata sobre dinâmicas do ciclo pecuário, relações entre mercado interno e externo, questões relacionadas à sustentabilidade e investimentos em gestão financeira. Confira!



nós tenhamos um equilíbrio melhor dessa relação de oferta e demanda, com um pouco menos de animais ao abate, um pouco mais de demanda, principalmente setembro e outubro, do ponto de vista de exportação, e depois novembro e dezembro, com uma demanda melhor no mercado interno. Podemos ter um respiro da arroba, sem nenhuma euforia. Notícias boas, ventos melhores, porém com uma expectativa comedida, sem imaginar que a gente possa de fato ter um arranque vigorosíssimo da arroba nos próximos meses. Mas um suporte melhor, a gente pode ter, sim.

2 Dentro dessa fase atual, no que o produtor precisa se atentar em relação a investimentos, pensando no ciclo a longo prazo?

Dentro dessa fase atual, é importante a gente entender o que está acontecendo com os preços. Quando a gente olha, a grande mudança que temos nesse momento, na pecuária, são preços mais baixos em todas as categorias animais. Como toda a mercadoria pecuária está mais em conta, em tese, desde que haja condições para receber esses animais e desde que haja condição financeira, é uma ótima hora para você comprar matrizes e bezerras. Animais de potencial genético, inclusive, que estavam bastante aquecidos lá para os anos 2020, 2021, até o comecinho de 2022, você pode adquiri-los a um preço bem mais desafiador, via de regra. Então, é um bom momento para você comprar animais, sejam matrizes, bezerras e bezerras, porque são animais que estão depreciados – os bons, de genética boa, e os animais de genética pior. Como é interessante sempre fazer melhoria genética de rebanho, na minha opinião, é uma excelente hora para investir em genética, porque tudo está custando menos, inclusive o que é bom. Tem uma frase do meio financeiro, do Howard Marks, que fala o seguinte: ‘você não vai ficar rico comprando as coisas boas, você vai ficar rico comprando bem as coisas’. E nós estamos em um momento em que dá para comprar bem, inclusive as coisas boas. Então, eu acho que é uma hora excelente de pensar, prin-

Divulgação

1 O mercado da bovinocultura de corte se movimenta em ciclos, o chamado ciclo pecuário. Em que parte do ciclo estamos atualmente e o que podemos esperar para os próximos meses?

Nós estamos, em 2023, vivendo a fase de abate de fêmeas, ou seja, uma fase em que a gente oferta mais animais para o mercado, machos e fêmeas, principalmente. E esse aumento de oferta acaba deixando, na maior parte do tempo, os preços frouxos. Olhando a figura macro, no ano, estamos

nessa fase. Porém, estamos desde praticamente o início do ano em uma pressão muito grande. Essa pressão já pode ser considerada a maior pressão da história em termos de perda de preço, perda de valor da arroba ao longo de um ano, no caso 2023, de modo que a gente entende que essa perda de valor é em função de um desequilíbrio de oferta e demanda. Mas a gente entende que apesar de estarmos na fase de baixa do ciclo pecuário, na fase de abate de fêmeas, é possível que para os próximos meses

principalmente para quem tem rebanho de cria, melhorar a genética do rebanho, a aquisição de animais de genética, porque estão depreciados e quando o ciclo da pecuária de novo se aquecer, esses animais de genética melhor têm um sobrepreço muito rápido entregue pelo mercado. É uma hora boa de comprar. Essa é uma recomendação interessante, na minha opinião.

3 Nos últimos meses, tivemos crescimento no número de abates, colocando mais carne no mercado e, conseqüentemente, diminuindo preços. Para o produtor que não está em condições de investimento (adquirir novos bezerras), que saídas pode ter em curto e médio prazo?

Aqui está colocada uma situação de desafio que, infelizmente, é realidade para muitos produtores, ou seja, o sujeito não tem condições de adquirir novos animais, com a genética. Que saídas ele pode ter? Se o produtor se preparou para entregar animais nessa época e o ciclo de produção está finalizado, infelizmente, não tem muito o que fazer. Eu sempre costumo dizer que uma postergação de uma venda, se o animal está pronto, você não tem mais condição de pasto, condição de caixa e a carcaça está pronta, você precisa finalizar esse ciclo de produção. É muito difícil. Não tem como, infelizmente, falar que não é para o produtor continuar abatendo. Se ele tem uma demanda de caixa, a gente sempre recomenda ele consultar, quando vai postergar uma venda, os caixas: o caixa pasto, o caixa dinheiro e o caixa carcaça. Se ele não tiver condição, se todos esses três caixas estiverem esgotados, ou seja, a carcaça está pronta, precisa entrar dinheiro para abastecer o fluxo de caixa da fazenda e não tem pasto para manter esses animais gordos, que a eficiência de manutenção do animal pronto ela é muito ruim, então não tem jeito, ele tem que encarar o mercado. Eu acho que a grande questão aqui é entender e, no próximo movimento de baixa, estar mais preparado.

4 Apesar da diminuição de preços para o consumidor, o consumo doméstico de carne bovina ainda não registrou aumento, especialmente pela concorrência com outras

proteínas animais. Ficar de olho no mercado internacional é uma opção?

Realmente, a gente percebe que a diminuição de preços ao consumidor aconteceu, mas de maneira tardia. Os preços do gado na base da cadeia produtiva caíram muito antes do preço ao consumidor, o que manteve o consumo achatado. E ainda isso é potencializado pela forte concorrência com proteínas animais. Quando você tem grãos mais em conta, como é o caso do milho e da soja, potencialmente a proteína de frango, por exemplo, a suína também, ela fica mais competitiva com a proteína bovina porque o custo de produção do frango e do suíno cai muito. O mercado internacional vive um momento mais ou menos parecido, com uma diferença importante, o mercado internacional não sentiu perda de volume. Sentiu de maneira muito clara perda de preço. Então, sim, as exportações são uma saída e estão sendo para o Brasil. Se o País não tivesse exportando o volume que de fato está exportando, com certeza a pressão de preços na cadeia seria maior ainda. Então, as exportações têm sido interessantes, apesar dos preços consistentemente mais baixos, mas ela tem dado vazão a essa produção de carne aumentada.

5 Atualmente, a China é o maior comprador da carne bovina goiana, com 55,5% das exportações de carne do Estado direcionadas para lá. Em segundo lugar aparece o Chile, com apenas 4,3%. Ter apenas a China com principal destino já se mostrou arriscado, a exemplo dos embargos à carne ocorridos no início do ano. É interessante e possível incluir novos parceiros para a exportação de carne?

Existe claramente uma concentração de venda da proteína bovina brasileira na China. A grosso modo, 50% a 60% do que a gente exporta vai para a China. Então, quando a gente tem esse parceiro, que tem conosco um acordo bilateral com relação a doença da vaca louca um pouco mal resolvido, eu diria que a gente tem um desafio de preço ao longo da cadeia de maneira abrupta e imediata. Diversificar esse canal de exportação é sempre muito positivo. E nisso tem a indústria, o próprio governo, que historicamente tem tido

esforço nesse sentido. É claro que não dá para abrir mão de participar de um mercado como a China, pelo volume que ela compra e pelo preço que paga. Mas diversificar esse mercado é sempre, sim, interessante e importante. A gente tem algumas boas notícias nesse ano: mercado mexicano abrindo para o Brasil; a gente tem uma boa perspectiva com a Indonésia; tem uma boa perspectiva com o Japão, com a Coreia do Sul. São exemplos de mercados que a gente pode começar a participar. E mais do que isso, acho que a gente tem que explorar mais os mercados que estão abertos. Quando a gente fala em abrir mercado, não necessariamente abrir para um país em que a gente não exporta ainda, mas abrir mercado dentro de um país que a gente exporta. Então, todo o esforço para diluir essa concentração na China e eu cito, além desses países, que são ainda possibilidades boas para a gente crescer e aumentar volumes, a Indonésia. Eu vejo com muito bons olhos para o futuro e ainda destaco a gente aumentar a participação em mercados que a gente já consegue vender.

6 Muito tem sido falado a respeito da integração entre pecuária e outras atividades, como a agricultura (lavoura) e a silvicultura (floresta). Na sua opinião, esse investimento em ILPF pode ajudar a compensar a diminuição no preço da carne para o produtor?

Quando a gente pensa em Integração Lavoura-Pecuária, a gente pensa em um sistema de produção que é mais competitivo, ou seja, um mais um vira três. Quando você tem uma terra que teve um perfil de solo melhorado com finalidade de lavoura, ao colher essa lavoura, seja por exemplo uma soja, e ao voltar uma semente de capim nessa área, o capim vai ter uma produção de qualidade e quantidade muito superior a uma área de pecuária perene. Então, essa produção de qualidade e quantidade de massa de capim, ela permite uma produção de arrobas a um custo mais baixo. De alguma forma, ter um custo mais baixo com certeza ajuda a enfrentar um desafio de mercado. Nesse sentido, eu diria que não é a entrega principal da



Divulgação

ILPF, mas com certeza você tendo um custo de produção menor, você pode suportar e ainda consegue ter lucro a preços mais baixos do que um sistema de produção que tem um custo mais alto. É interessante, sem dúvida nenhuma, e ajuda nos momentos de pressão do ciclo, como o que nós estamos vivendo.

7 Outra tendência que tem sido muito falada é a do tratamento do pasto como lavoura (gestão, investimentos etc.). De que forma o pasto interfere na produtividade da pecuária de corte? Como é possível para ele agregar valor à sua produção com investimento no pasto?

De fato, eu acho que a gente tem um 'oceano azul' com relação à pastagem. Apesar de a pastagem ser, na minha opinião, a maior safra da agropecuária brasileira, a gente tem um 'gap', ou seja, uma oportunidade muito grande para melhorar esses sistemas de produção. Basicamente, a gente percebe que as pastagens são formadas e recebem pouca ajuda do ponto de vista de fertilidade desse solo que suporta essa pastagem ao longo das décadas de pecuária que passa a se estabelecer em cima dessa área. Ao tratar pasto como lavoura, ou seja, você fazer perfil de

solo, exatamente como a agricultura faz, você consegue de novo na mesma forma, parecido ao que acontece como a gente falou na pergunta anterior com ILPF, você consegue produzir mais massa de capim e essa massa maior, essa quantidade de capim maior, ser acompanhada de uma qualidade melhor. Você consegue ter um ganho de peso dos animais superior, mesmo com suplementação muitas vezes menor. Isso tem um impacto violento no custo de produção e, portanto, agrega muito valor na margem. Você fica mais longe do preço onde você passa a ter prejuízo, porque seu custo fica menor. Então, é fundamental nós tratarmos pasto como lavoura. Ainda que seja um conceito básico isso não é bem estabelecido, infelizmente, até hoje. Eu diria que é uma das principais causas desse arrocho que a pecuária vem passando nos últimos anos, do ponto de vista zootécnico e do ponto de vista agrônomo.

8 Em relação à genética animal, recentemente a ABCZ e a Apex-Brasil firmaram convênio para promoção da genética brasileira no mercado internacional. Temos no Brasil e em Goiás bons resultados em genética, inclusive. Como você



O que as pessoas estão esquecendo é o componente financeiro. Ainda que nós consigamos produzir mais e melhor, mais índice zootécnicos, mais engorda, mais bezerros, se nós não tivermos condições de gerir financeiramente, principalmente o momento da venda, os custos de produção, a gente vai de fato entregar, perder todo esse esforço em entrega zootécnico para o financeiro, para o mercado



vê esse potencial para o produtor adquirir genética e também para a exportação de genética brasileira?

Do ponto de vista da genética, vamos pensar no exemplo da agricultura. A agricultura quando abre uma área, quando vai se estabelecer em uma área nova, a primeira coisa que ela faz é preparar o meio produtivo: fazer perfil de solo, melhorar a fertilidade de maneira geral, fazer correção de base, calcário, gesso, melhorar pH do solo, reforçar a quantidade de nutrientes, de nitrogênio, fósforo, potássio, microminerais. É isso que agricultura faz, faz perfil de solo, e nesse ambiente corrigido, que foi renovado, preparado para entregar produção, ela coloca uma genética de qualidade diferenciada. Essa receita, não tem como não ser usada na pecuária. A gente precisa, urgentemente, tratar solo como lavoura e colocar, nesse ambiente produtivo melhorado, uma genética diferenciada e o Brasil tem uma genética do gado zebu – e aí foi citado o exemplo da ABCZ – que é referência mundial. Não tem outra alternativa e não tem outro caminho melhor do que se pensar em genética. O ganho que a genética tem imprimido a rebanhos é extremamente grande e eu diria que viabiliza o produtor ficar na atividade. O potencial para o produtor adquirir genética é extremamente grande e a mesma coisa eu digo com relação à exportação. Eu diria que a genética boa, a genética que entrega produção ela já existe. Ela só está mal distribuída. A gente precisa melhorar o nível médio da genética do rebanho brasileiro. Isso é um trabalho que o Brasil vem fazendo há anos, mas ainda existe um ‘gap’ muito grande. É uma oportunidade muito grande para a ABCZ, para os técnicos de campo que lidam com reprodução animal, para vendedores de touros, de matrizes, de sêmen para inseminação artificial e todas as demais técnicas de reprodução. O potencial é gigantesco porque é só pensar na agricultura. O exemplo da agricultura está aí para não nos deixar esquecer.

9 Sempre em suas palestras você ressalta a importância do investimento em gestão e planejamento.

Que pontos o produtor precisa ficar atento quanto a isso?

Eu não tenho dúvida que nós estamos vivendo a terceira grande revolução do agro, que é a revolução financeira. Cada vez mais isso fica palpável. Nós, como produtores, somos naturalmente levados ao caminho da melhoria de performance, melhoria zootécnica. Se você está com cria, você quer entregar mais bezerros desmamados por vaca exposta à reprodução ao ano. Se você está na recria e engorda, você quer melhorar o GMD [Ganho de Peso Médio Diário] global da sua fazenda, na sua recria anual. Está tudo certo. Essa entrega, cada um no seu atual estágio, a gente tem ainda que melhorar muito. Cada fazenda tem seu nível de performance zootécnica, ela é crescente. Cada um tem o seu caminho, mas está procurando melhorar. Agora, o que as pessoas estão esquecendo é o componente financeiro. Ainda que nós consigamos produzir mais e melhor, mais índice zootécnicos, mais engorda, mais bezerros, se nós não tivermos condições de gerir financeiramente, principalmente o momento da venda, os custos de produção, a gente vai de fato entregar, perder todo esse esforço em entrega zootécnico para o financeiro, para o mercado. O produtor precisa ficar muito atento aos seus custos de produção, a uma estratégia do ciclo produtivo dele, programar início, meio e fim, uma gestão produtiva, gestão financeira desse ciclo de produção. O produtor precisa ficar muito antenado às tendências de mercado, tanto de curto, quanto de médio e longo prazo, por exemplo, ciclo pecuário. E o produtor precisa ficar muito antenado quanto ao uso das ferramentas de proteção de preços que o mercado oferece: boi a termo, mercado de opções, mercado futuro, NDF, ETF do boi e por aí vai. Essas palavrinhas complexas, mas do mundo financeiro, tem que ser agregadas ao mundo zootécnico com urgência.

10 Ações de capacitação como a do Sistema Faeg/Senar/Ifag, como o Seminário Tendências de Mercado: Cenário Internacional e Eficiência Energética, realizado em agosto, do qual você participou, ou

de Assistência Técnica e Gerencial, na sua opinião, contribuem para essa melhor gestão futura do produtor? É importante para ele se preparar?

Eu diria o seguinte: participar de ações como essa e que eu tive oportunidade de estar junto, como o Seminário de Tendências de Mercado, é fundamental para o produtor que quer continuar na atividade. Hoje, o jogo do agro ele ganha-se dentro da porteira e fora da porteira. É importante, dentro da porteira, a gente ter assistência técnica, gerencial, ter números, decidir em cima de números que você conhece. Mas é fundamental você melhorar a gestão, do ponto de vista produtivo, que já existe bastante esforço nesse sentido. Mas como eu venho dizendo, agregar a gestão financeira no esforço produtivo. Ele tem que se preparar, são conhecimentos nossos. O que nos trouxe até aqui não vai ser o garantidor do nosso futuro mais. A gente precisa manter o que nós estamos fazendo, essa luta que o produtor tem de agregar melhoria de produção de grãos, seja na agricultura, melhoria de produção pecuária, de entrega zootécnica, se o caso for na lida de bovinos, mas ele precisa gerenciar melhor as finanças que envolvem essa exploração, que na verdade é uma empresa. Nenhuma empresa de nenhum setor pode abrir mão de ter um conhecimento sólido na área financeira, na área de gestão de riscos de preços. É necessário fazer essa agregação, nós devemos seguir e não tirar os olhos do que vem sendo bem feito e conduzido do ponto de vista de questão de assistência técnica, mas agregar a gestão. E estar junto com pares no seu Sindicato, na Federação, é fundamental. ‘Cafetito fora do bando vira comida de onça’, como a gente diz na prática. Quando a gente compartilha as nossas dores, os nossos aprendizados com pares, a gente observa que a gente tem muito a aprender fazendo esse tipo de atitude. E a Faeg é um lugar excelente para quebrar essa casca e a gente se unir. O produtor unido tem muito a ganhar, tanto dentro, quanto fora da porteira.

Safra de desafios



Leonardo Machado
é assessor técnico
da Federação
da Agricultura e
Pecuária de Goiás
(Faeg)

Setembro marca oficialmente o início da safra 2023/2024, já que se tem o fim do vazão sanitário da soja. Porém, aguardam-se as condições pluviométricas adequadas para as sementeiras ganharem o campo e plantarem mais uma grande safra.

Falar de desafios da safra pode até parecer “chover no molhado”, porém a nova safra, diferentemente de outros anos agrícolas, traz ameaças consideráveis, não presentes em anos anteriores. O primeiro desafio é o climático. Diferentes instituições de pesquisa meteorológicas têm apontado que, até o fim de 2023, teremos a presença do fenômeno climático “El Niño”, caracterizado pelo aquecimento da porção equatorial do Pacífico, alterando as condições de chuva em todo País. O que isso muda para Goiás? De modo geral, o “El Niño” causa maiores volumes de chuvas na região Sul do País e condições de seca na porção Norte do Brasil. Goiás tem a maior parte do seu território em uma zona de transição, onde a previsão do comportamento de chuvas é menos previsível, porém a possibilidade de uma irregularidade pluviométrica é esperada.

A título de comparação, em uma publicação do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), nos últimos dez anos tivemos dois anos com a presença de “El Niño” forte, 2015 e 2016. Em 2015, registrou-se um baixo volume de chuva em janeiro, o que causou perdas de 25% na safra goiana. Neste ano, a produtividade média da soja, em Goiás, foi de 43 sacas por hectare, enquanto era esperado pelo menos 50 sacas por hectare. Já no ano de 2016, mesmo com a forte presença do fenômeno climáti-

co, não tivemos perdas.

O segundo desafio é a rentabilidade. Apesar de custos menores que na safra passada, o gasto para se produzir uma saca de soja ainda é alto. Além disso, a expectativa de preço futuro da soja é considerável menor do que no mesmo período do ano passado.

De acordo com o Instituto para o Fortalecimento do Agronegócio (Ifag), o custo operacional efetivo (custeio) para a produção de uma saca de soja na safra 2023/2024 é de R\$ 70/saca. No mesmo período do ano passado, para se produzir a mesma saca era necessários R\$ 99/saca. Porém, no ano passado, o preço futuro da soja era de R\$ 150/saca, enquanto que este ano as perspectivas são de preços R\$ 110/saca. Assim, podemos ter uma safra de margem bruta menor que no ano anterior, a menor das últimas três safras.

Acrescenta-se neste cenário um ambiente econômico mais adverso, interno e internacional. Lá fora observa-se uma recuperação lenta das grandes potências, em especial China, Estados Unidos e União Europeia, além do cenário de guerra persistente entre Ucrânia e Rússia. No cenário brasileiro, observamos taxas de juros elevadas e um ambiente político/institucional conturbado.

Diante deste cenário, cabe ao produtor rural uma gestão mais apurada de sua atividade na safra 2023/24. Lançar mão de ferramentas de mitigação de riscos é mais que uma opção, é fundamental para o atual ano agrícola. Seguro rural e ferramentas de travamento de preços se tornam indispensáveis. Mais do que nunca, é momento de olhar para dentro e se proteger.

Receitas de prosperidade



Cursos de panificação rural, produção artesanal de doces e processamento de mandioca estimulam o empreendedorismo e melhoram a renda de mulheres. É o caso de Iara Martins, moradora de Britânia

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Os bolos da fazenda, o tradicional quebrador, são sabores que marcaram a infância de Iara Martins Maracaípe, do município de Britânia (GO). Com a mãe, uma quitandeira de mão cheia, a menina aprendeu o básico das receitas. Quando adulta, diante das dificuldades de fazer uma faculdade, decidiu que iria trabalhar levando felicidade para as pessoas em forma de comidas deliciosas. Mas era preciso se especializar. “Eu sempre tive muita vontade de aprender. Mas eu não tinha condições de fazer cursos de culinária em outras cidades. Foi quando conheci, por meio do Sindicato Rural da Britânia, os treinamentos nessa área. O primeiro que fiz foi o de Panificação Rural. A partir dele, comecei a fazer pães caseiros, roscas e colomba pascal. Vendia de porta em porta. E as vendas iam aumentando graças à propaganda boca a boca”, conta.

Depois, Iara fez o curso de Produção Artesanal de Doces. Com o de abóbora cristalizada, conseguiu novos clientes. Mas a grande virada veio com o treinamento de Processamento de Mandioca. Entre as receitas típicas da culinária rural, com a raiz, foi ensinada a de mané pelado gourmet. “A instrutora Evelin nos ensinou a fazer o mané pelado colocando abacaxi. A técnica permite que ele fique ainda mais gostoso no dia seguinte. O sabor da fruta se funde com o da mandioca e ele fica ainda mais molhadinho. Eu faço o mané pelado tradicional, mas sem dúvida o gourmet é o mais pedido. Realmente acertei a mão com a receita”, reforça.

Antes dos cursos Iara trabalhava como diarista. Ela tem três filhos e dois netos. Hoje, com o novo trabalho, Mariana, a mais nova, ajuda com as comidas e entregas, além dos pedidos através das redes sociais @iara_lanchess. Elas ainda participam da Feira das Artes que acontece no primeiro e penúltimo domingo de cada mês, na praça da Igreja matriz da cidade. Agora, quase toda a renda da família vem dos salgados, quitandas e principalmente do mané gourmet. A empreendedora investiu em maquinários novos e atende encomenda para

festas e eventos. O grande sonho é equipar uma cozinha especialmente para ampliar a produção, contratando três ajudantes.

“Faço tudo com muito amor, determinação e atenção com meus clientes. Espero que eles sintam esses três ingredientes também em cada salgado, bolo que eles comem. Trabalho para prosperar muito com esse negócio. Se a pessoa realmente tiver interesse em aprender com os treinamentos do Senar, vai se aprimorar muito. Vai encontrar algo que gosta de produzir. Tendo força de vontade e conhecimento, só não vai para frente quem não quer”, aconselha.

Empreendedorismo

Também moradora de Britânia, Fátima Maria de Oliveira já foi cozinheira em fazendas, vendedora de cosméticos de porta em porta e de roupas íntimas. Sempre se esforçava para melhorar a renda. Teve época que acordava antes das 4 horas da manhã para preparar quitandas e salgados para vender. Apesar do tempo corrido, sempre que tinha uma qualificação do Senar Goiás, lá no município, ela fazia. No curso de Panificação Rural do Senar Goiás, recebeu inspiração para empreender. “Faz oito anos que comecei em casa e foi tomando forma. Com muita persistência, consegui comprar uma máquina de fazer salgados e uma masseira. Hoje, graças a Deus, tenho uma microempresa, chamada Delícias da Fatinha”, comemora.

Além da dedicação, dois fatos contribuíram para que Fátima prosperasse. Em 2017, na posse do presidente da Câmara Municipal, por

intermédio da secretária executiva do Sindicato Rural de Britânia, Milena Roberta, ela fez o primeiro buffet para evento aberto ao público. Foram dois mil salgados. De lá saíram outras encomendas, principalmente para almoços e lanches.

A torta cremosa de frango que ela faz virou um sucesso. Além de manter as vendas avulsas, hoje atende casamentos, festas de aniversários e passou a participar de licitações. “Já fiz três mil bolos no pote e três mil ovos de páscoa para a comemoração na cidade. Graças a Deus e ao Senar Goiás, o sucesso continua. Aqui em Britânia as maiores empresas e a prefeitura compram meus salgados”, informa.

Fátima também já participou do Festival de Receitas de Campo. Em 2017, venceu na categoria Almoço e Jantar com o prato Abóbora Recheada. O prêmio foi um fogão semi-industrial, que na época, ajudou a equipar a cozinha dela e facilitar o trabalho. Agora, em 2023, ela novamente foi primeiro lugar, preparando um peixe na telha. “Eu gosto muito de participar das iniciativas do Senar Goiás. Aproveito para pedir que tenham treinamentos no período noturno, para que eu e mais pessoas que trabalham o dia todo possamos participar. Seria maravilhoso também um treinamento de culinária saudável. É uma área que eu quero me especializar e se o Senar Goiás oferecesse isso para gente seria ótimo e mais uma oportunidade de ampliar nossa área de trabalho”, sugere.

A Delícias da Fatinha tem sido sinônimo de prosperidade. “Nesses



Divulgação

Fátima Maria também encontrou oportunidade para empreender por meio do Senar Goiás

anos todos, graças a Deus nunca tive falta de nada. Eu tenho até para ajudar outras pessoas. É muito gratificante para mim fazer o que eu gosto, e ainda ver que tenho retorno com o que faço. Vejo que muitos alunos do Senar Goiás conseguem empreender. Os cursos não focam só em nos ensinar a fazer algo, mas o que fazer para aumentar a renda ou começar um negócio com o que aprendemos”, reforça.

O Senar Goiás sempre está atento às demandas por qualificação baseadas nas tendências de mercado e solicitações feitas através dos Sindicatos Rurais. Todos os anos são lançados novos treinamentos, adequados à realidade da maioria dos municípios goianos.

Acesse o link para conhecer os cursos da instituição



Divulgação



Divulgação



Divulgação

Alimentos produzidos pelas empreendedoras de Britânia

Milho invade as indústrias de produção de etanol

Grão se tornou opção rentável para as usinas, especialmente por ser uma matéria-prima que pode ser utilizada o ano todo. Apesar do crescimento, em Goiás especialistas avaliam que é preciso ampliar competitividade frente a outros estados

Fernando Dantas, especial para a Revista Campo

A produção brasileira de etanol de milho deve alcançar 6 bilhões de litros na safra 2023/2024, alta de 36% em relação ao ciclo anterior e de 800% nos últimos cinco anos, de acordo com projeções da União Nacional do Etanol de Milho (Unem). O crescimento da capacidade produtiva é resultante, principalmente, da ampliação do complexo industrial brasileiro – com evolução da quantidade de usinas –, adoção de tecnologias, aumentando o rendimento industrial, e maior demanda internacional por biocombustíveis. É possível citar como vantagens, ainda, a grande disponibilidade de

matéria-prima, principalmente por utilizar milho de segunda safra no País e que traz benefícios quanto à proteção da terra, reciclagem de nutrientes e carbono orgânico no solo, e a contribuição com o processo de descarbonização.

Em Goiás, na safra 2022/23, foram utilizados 1,1 milhão de toneladas de milho para a produção de etanol. Considerando que o Estado colheu 12 milhões de toneladas – segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) –, este volume representa quase 10% da produção local. Para a próxima safra, a expectativa é de crescimento para 1,2 milhão de to-

neladas. O etanol de milho já é a segunda principal fonte de consumo do milho goiano, ficando atrás apenas da alimentação animal.

Segundo o coordenador técnico do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), Alexandre Alves, o etanol de milho tem sido visto como um produto com grande agregação de valor. “Além de fomentar a produção do cereal, especialmente em Goiás e no Mato Grosso, e produzir biocombustível [etanol], ele gera coprodutos como o óleo, o DDG [grãos secos de destilaria] e o DDGS [grãos secos de destilaria com solúveis], estes últimos





AdobeStock



Fredox Carvalho

Coordenador técnico do Ifag, Alexandre Alves defende que o etanol de milho é um produto com valor agregado

usados na ração animal. Também fomenta a geração de energia e a produção de florestas plantadas de eucalipto”, informa.

Alexandro explica que existem diferenças entre a cana-de-açúcar e o milho. “A cana tem 54% menos açúcar do que o milho. Ou seja, 1 tonelada dela só faz 89,5 litros de etanol. Apesar de ser mais difícil transformar em açúcar as moléculas de amido, o milho produz mais sacarose e álcool. Uma tonelada rende 407 litros de etanol. A diferença basicamente está no rendimento, sendo que em relação ao produto final é exatamente o mesmo produto, ou seja, a molécula de etanol é uma cadeia carbônica que não possui diferença, independentemente de onde a matéria-prima é oriunda”, afirma.

Indústria

Existem três modelos de usinas de etanol de milho operando no Brasil: a Usina Full (ou dedicadas) – que processa exclusivamente milho para produção de etanol; a Usina Flex, que são aquelas de cana-de-açúcar adequadas para produzir etanol de milho no período da entressafra da cana; e a Usina Flex Full, que são usinas de cana e milho que operam paralelamente. No Estado, são oito plantas que produzem etanol de milho. Duas dedicadas, localizadas em Acreúna e Jataí. Outras três plantas industriais fazem uma safra ou outra. Já as flex full também são três, sendo duas em Quirinópolis e uma em Chapadão do Céu.

O presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg), André Rocha, acrescenta que a produção de etanol de milho no Brasil começou com o segundo tipo de unidade, as chamadas unidades flex. “No primeiro momento, algumas unidades que já produziam etanol a partir da cana começaram a fazer modificações em suas plantas para também produzir a partir do milho para justamente aproveitar o período da entressafra. No período chuvoso, você não consegue produzir etanol a partir da cana, porque não consegue colher

a cana no campo por causa da chuva. E você não consegue armazenar a cana. É um produto perecível, uma vez que cortou a cana, a partir de 24 horas, começa a perder o seu teor de sacarose. Ao passo que o milho não, é possível armazenar e aproveitar para fazer a produção de etanol. Então, de abril a novembro ou dezembro produz a partir da cana, e a partir do momento que começa o período chuvoso, começa a produzir etanol do milho”, reforça André.

Ele destaca que as primeiras usinas flex faziam a produção de etanol de milho durante apenas o período da entressafra, então aproveitavam o bagaço das próprias unidades para poder utilizar essa energia para a produção. “Depois teve o início do desenvolvimento de usinas que produziam o etanol do milho durante toda a safra, em paralelo com a de cana, quer dizer, durante todo o ano fazendo a produção do etanol de milho e em sete, oito, nove meses a produção do etanol de cana, aproveitando que eles tinham o principal insumo para a questão da energia que é justamente o bagaço, a biomassa”, relata.

André orienta que o milho é uma excelente oportunidade, porque pega um ativo que é muito caro



Divulgação/Sifaeg

Presidente do Sifaeg, André Rocha afirma que o milho é uma matéria-prima que pode ser usada o ano todo

e consegue utilizar durante todo o ano. “Logicamente, tem também que tomar todos os cuidados com a manutenção da usina, porque normalmente as unidades aproveitam esse período de entressafra para fazer manutenção. Mas hoje as usinas são mais modernas e conseguem programar mais essa questão da manutenção, podendo operar o ano todo”, explica.

Ele complementa que depois que cresceu o uso de milho para a fabricação de etanol, com investimentos em usinas, a produção de milho também aumentou bastante, especialmente em estados como Mato Grosso. “Apesar de as usinas estarem cada vez mais comprando o milho para a produção de etanol, a produção do grão cresceu lá. Então, não houve corte na disponibilidade da matéria-prima para a produção de alimentos. E, aliás, é bom destacar, porque quando você produz o etanol de milho, você tem dois subprodutos dessa produção do etanol de milho, o DDG, ou WDG, ou DDGS, que é uma ração alimentar, você pega o milho que tem apenas 5%, 6% ou 7% de proteína, e extrai dele, o DDG, quando ele é seco, ou o WDG, quando ele é molhado, uma proteína com um teor de 35% a 38%. Em alguns casos até de 40% de proteína”, relata.

Em campo

A São Martinho assinou protocolo de intenções com o Governo de Goiás para produzir etanol de milho na unidade de Quirinópolis. O início da operação ocorreu em março de 2023. A nova unidade produtora, acoplada à Usina Boa Vista, terá capacidade anual de moagem de milho de 500 mil toneladas e produção anual aproximada de até 210 mil

metros cúbicos de etanol; 150 mil toneladas de DDGS e 10 mil toneladas de óleo de milho, sendo DDGS e óleo de milho coprodutos utilizados para nutrição animal.

Segundo Ivan Barcellos Dalri, que é diretor Agroindustrial da Usina Boa Vista, unidade São Martinho, em Quirinópolis, o grupo investiu na produção de etanol de milho para expandir as operações e diversificar a fonte de matéria-prima na produção de etanol, aproveitando a alta disponibilidade de milho da região. “A integração energética com a unidade produtiva de etanol de cana-de-açúcar faz com que a planta de etanol de milho utilize 100% de sua energia proveniente do bagaço da cana, uma fonte limpa e renovável. Isto contribui para produzirmos um etanol com baixa intensidade de carbono. Além disso, o acesso à matéria-prima, que é o milho, também é um diferencial”, afirma.

De acordo com ele, para iniciar a produção foram adquiridos equipamentos e implementadas as instalações industriais, bem como realizada a construção dos armazéns e compra do estoque de milho. No total, foram gastos em torno de R\$ 1 bilhão. Já a matéria-prima é comprada de produtores rurais, cooperativas, cerealistas e tradings do Estado de Goiás.



Divulgação/São Martinho

Usina Boa Vista, em Quirinópolis, iniciou a produção de etanol de milho em março deste ano

Mais investimentos para ampliar competitividade no mercado

De acordo com o coordenador técnico do Ifag, Alexandro Alves, a produção de etanol de milho já é realidade nos Estados Unidos há alguns anos e começa a adquirir grande importância também no Brasil, tornando a matriz energética nacional ainda mais limpa. “Os números mostram isso. Mas, há três anos, sua participação não passava de 6%, o que mostra a rápida evolução na participação do etanol de milho no mercado nacional”, diz.

Ele reforça que para os próximos anos, a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) espera que 11 novas usinas sejam colocadas em prática e sete ampliações envolvendo especificamente a fabricação de etanol de milho. “Em dez anos, a produção de etanol de milho no Centro-Sul saltou de 37 milhões de litros para 4,4 bilhões de litros. A expansão da produção do biocombustível a partir do grão deverá ser ainda maior no atual ciclo, representando 17% do volume total de etanol contra 15% na safra 2022/2023. Há uma tendência clara de crescimento não somente no Centro-Oeste, mas já temos iniciativas em outras regiões do País”, informa.

Entretanto, Goiás ainda não al-

cançou, neste mercado, a mesma competitividade que o Mato Grosso, que por ser o maior produtor de milho, também é o maior produtor de etanol de milho. O presidente do Sifaeg, André Rocha, cita que o estado mato-grossense utiliza 10 milhões de toneladas de milho para a produção de etanol. “Isso é basicamente a produção de milho de Goiás ou do Mato Grosso do Sul, por exemplo. Só que a produção de milho no Mato Grosso, que era de 30 milhões de toneladas, hoje já supera 60 milhões. O preço para o produtor também melhorou, porque o produtor que tinha a opção apenas de vender o seu milho para tradings, ou para exportar esse milho, ele passa a ter a possibilidade de vender para a indústria”, relata.

Ele acrescenta que Mato Grosso ganhou muito, agregando valor ao milho, e teve uma política arrojada de incentivos para receber unidades industriais e apoio de produtores rurais, que viram suas terras sendo mais valorizadas e alcançando melhor remuneração. “Esse milho que era exportado e que tinha um ICMS [Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços] zero para o estado, hoje é industrializado. O estado arrecada com isso, vendendo o etanol den-

tro do estado e para fora. Assim, gera emprego, melhora o IDH [Índice de Desenvolvimento Humano] e consegue também ter uma cadeia produtiva maior, distribuindo mais a riqueza. Isso a gente vê muito aqui em Goiás com a cana e estamos vendo com esse complemento do milho”, afirma.

Até o início de 2023, Goiás ocupava a segunda posição como maior produtor de etanol de milho. Foi ultrapassado agora pelo Mato Grosso do Sul. “Por lá, só tem uma planta em funcionamento, a segunda começa a funcionar agora, mas são plantas grandes. O Mato Grosso do Sul tem um programa muito arrojado de incentivos fiscais e por isso está recebendo muito investimento na área, sobretudo de etanol de milho, mas também na produção de etanol de uma maneira geral. E nós esperamos, e estamos tentando sensibilizar o governo do Estado de Goiás, a colar essa política do Estado do Mato Grosso do Sul, para que as empresas, inclusive goianas que estão investindo no Mato Grosso do Sul, possam deixar o investimento aqui em Goiás, ao invés de levar para o Mato Grosso do Sul ou para outros estados, como tem ocorrido”, defende, André Rocha.



milho



Cana-de-açúcar



Eficiência energética e sustentabilidade em avaliação

A eficiência energética é uma atividade que procura melhorar o uso das fontes de energia. A utilização racional de energia consiste em usar de modo eficiente a energia para se obter um determinado resultado. Em termos de eficiência energética, a cana-de-açúcar é melhor, com a vantagem de obter biomassa, palha e bagaço, possibilitando produzir energia para rodar a usina. Existe ainda a vinhaça como subproduto, que funciona como fertilizante, e até uso para fabricação do biometano e biogás. “Além de que, com a cana, você tem a flexibilidade de poder fazer açúcar. No caso do bagaço, além da produção de energia, pode fazer um bagaço hidrolisado, que é utilizado também como ração animal, assim como produzir um etanol de segunda geração, como já está ocorrendo em algumas plantas no interior de São Paulo”, informa André Rocha.

Na questão da emissão de Dióxido de Carbono (CO₂), o etanol de cana também é mais eficiente. Dados, inclusive, do USDA, que é o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e também do departamento que controla as emissões norte-americanas, mostram que o etanol de milho emite 30% a menos de carbono do que a gasolina, ao passo que o etanol de cana brasileira emite em torno de 80% a menos. “Isso em função do ciclo produtivo, da captura, inclusive, do CO₂, com a fotossíntese, nas plantas, na cana-de-açúcar, e pelo fato de, nos Estados Unidos, você utilizar como fonte de energia o metano. O milho no Brasil, o etanol de milho, ele consegue emitir menos CO₂ do que o seu concorrente americano, justamente porque aqui as empresas têm procurado utilizar como fonte de energia a biomassa, mas ele ainda é um pouco menos eficiente, deve ser em torno de mais ou menos 50%, chegando próximo a 60%, enquanto que as usinas de cana chegam a emitir 80% a menos do que a gasolina. A combinação de usina flex é bastante interessante, inclusive isso tem sido verificado na questão do programa Renova Bio, nas notas das usinas, que elas estão procurando cada vez mais, no seu ciclo produtivo, emitir menos carbono”, relata o presidente do Sifaeg.

André explica que para isso ocorrer, as usinas buscam utilizar adubos orgânicos, trocar tratores, colheitadeiras de diesel por motores a biogás e tudo mais, tentando ser cada vez mais eficientes, emitindo menos carbono e, com isso, melhorando as suas notas e tendo que produzir menos litros de etanol para emitir mais certificados, mais CBIOS (que são créditos de carbono). “Um CBIO que uma usina emite equivale a você tirar uma tonelada de CO₂ e nós temos, só no início do Renova Bio, nos últimos dois anos, nós temos 100 milhões de toneladas, 100 milhões de CBIOS emitidos, ou seja, 100 milhões de toneladas de CO₂ que foram retirados da atmosfera, certificados, fora aquela produção que foi feita que, por um motivo ou outro, acabou não tendo sido certificada”, ressalta.

Em busca de novos patamares mundiais

Cereal produzido no Brasil ganha destaque e País caminha para buscar autossuficiência no campo. Cerrado é uma das apostas para ampliar produção e produtividade

Fernando Dantas, especial para a Revista Campo

Um dos principais cereais cultivados e consumidos no mundo, o trigo é matéria-prima para a produção de diversos itens da indústria alimentícia, desde biscoitos, massas, pães até bolos. É produzido a partir de uma atividade agrícola em crescente expansão no Brasil. É o que avaliam entidades representativas do setor. Segundo

informações da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), a produção nacional está aumentando significativamente, as exportações do produto estão crescendo em função da qualidade do trigo nacional e da guerra da Ucrânia, o abastecimento do mercado doméstico está assegurado e o consumo interno de trigo está estável, com pequena

variação positiva.

A cada ano também o Brasil tem reduzido a importação do trigo. Até 2019, cerca de 50% do cereal que era consumido internamente precisava vir de fora. Esse número vem caindo. Em 2022, de acordo com dados da Abitrigo, houve queda de 8,75% na importação em comparação a 2021, ou seja, de 6,21 milhões de toneladas

Importação de trigo pelo Brasil

2014	– 5,78 milhões	de toneladas
2015	– 5,17 milhões	de toneladas
2016	– 6,86 milhões	de toneladas
2017	– 6,05 milhões	de toneladas
2018	– 6,22 milhões	de toneladas
2019	– 6,46 milhões	de toneladas
2021	– 6,21 milhões	de toneladas
2022	– 5,66 milhões	de toneladas

Fonte: Abitrigo

para 5,66 milhões de toneladas. “A guerra da Ucrânia tem tido um forte impacto no mercado internacional, afetando os países do norte da África e do Oriente Médio, atendidos pelo trigo ucraniano. Não houve efeito negativo sobre o mercado brasileiro porque os moinhos não importam trigo da Ucrânia e tem fornecimento assegurado pelo trigo argentino, russo, americano, uruguaio e paraguaio”, informa o presidente-executivo da Abitrigo, Rubens Barbosa.

Ele explica que o preço do cereal nas bolsas de Kansas e em Chicago, nos Estados Unidos, subiram significativamente desde o início da guerra na Ucrânia, em fevereiro de 2022, e mantém constante oscilação dependendo das notícias em relação às operações bélicas. “A produção nacional foi estimulada pelos preços mais elevados do trigo. A industrialização foi afetada pelo incremento do preço da importação, do seguro e do frete, mas o custo dos subprodutos do trigo não foi afetado significativamente por esse aumento do preço, mas sim pelo aumento do custo interno de produção”, reforça.

Para os próximos anos, Rubens estima que o mercado internacional continuará impactado enquanto durar a guerra na Ucrânia, com oscilação do preço dependendo da evolução do conflito. “A produção mundial está acima do consumo, não se prevendo nenhum efeito negativo



Divulgação

Presidente-executivo da Abitrigo, Rubens Barbosa diz que Goiás vem aumentando a produção nos últimos anos

sobre o Brasil. A produção do trigo no Brasil deverá crescer nos próximos anos, possibilitando o atendimento, em parte, do mercado doméstico e da exportação, podendo, ainda, ser utilizado na produção de etanol e para forragem”, defende.

Sobre a produção interna, o presidente-executivo da Abitrigo informa que o trigo, por ser uma cultura de inverno, continua tendo os estados do Sul, em especial Paraná e Rio Grande do Sul, como principais produtores no País. “Mas em função do trabalho desenvolvido pela Embrapa [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária], a produção gradualmente vai aumentar em outros estados, sobretudo no norte

do Cerrado, sul do Piauí e Ceará e oeste da Bahia”, avalia.

Quando se trata de Cerrado, Goiás surge como um possível celeiro para o cereal. O Estado vem aumentando consideravelmente, nos últimos anos, sua produção. No levantamento de agosto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), estima-se que a produção de trigo em 2023 seja de 267 mil toneladas no Estado, um incremento de 97,8% se comparado à produção de 2022, que foi de 135 mil toneladas. Com isso, Goiás está na 6ª posição no ranking nacional e é responsável por 2,7% da produção nacional, de acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). “O motivo é pela expan-



AdobeStock

são do plantio no Cerrado, principalmente do trigo de sequeiro adaptado para a região, graças à tecnologia e muita pesquisa que os obtentores de variedades desenvolveram para as condições da região. Agrega-se também nesse aumento a atratividade do valor atual do trigo e o fato de ser uma ótima opção de cultura de inverno no Cerrado, combinando com a produção de verão (soja e milho)”, enfatiza Rubens.

Nova aposta

Pesquisador na área de Sistemas de Produção Vegetal da Embrapa Trigo (alocado na Embrapa Cerrados), Jorge Henrique Chagas reforça que o trigo é uma cultura que tem se desenvolvido bem na região do Cerrado, com uma área cultivada saindo dos 100 mil hectares para perspectivas de mais de 300 mil hectares. “Principalmente com produtores atraídos pelo preço do trigo na região atendendo a indústria moageira local, mas também atraídos pelas oportuni-

dades que o cultivo do trigo traz ao sistema produtivo da região”, relata. Ele cita como benefícios à cultura a rotação e/ou sucessão de culturas, com a melhoria do ambiente produtivo no controle e doenças (principalmente doenças de solo como mofo-branco, nematoides etc.), melhoria no manejo de plantas daninhas (principalmente as resistentes a glifosato) e também uma ferramenta para o controle das plantas conhecidas como ‘tigueras’ e ajudando no vazio sanitário da soja. “Além da quebra do ciclo de pragas e doenças das outras culturas mais plantadas na região, o trigo vem se tornando uma importante ferramenta no sistema de produção, aumentando a diversificação dos sistemas produtivos, bem como também uma alternativa rentável”, destaca.

Segundo ele, o que diferencia a região é uma condição edafoclimática favorável ao cultivo do cereal. “O desenvolvimento de

cultivares mais tolerantes à seca e ao calor e com excelente qualidade industrial de grãos tem proporcionado a colheita de grãos de trigo de excelente qualidade, principalmente pelo fato do trigo ser colhido aqui na região em épocas secas, raramente recebendo chuva no período da colheita e isso, aliada a qualidade genética das cultivares, tem permitido a colheita de grãos de trigos de ótima qualidade, inclusive equiparados a trigos produzidos em países reconhecidos internacionalmente pela produção de alto padrão de qualidade”, reforça.

O pesquisador diz, ainda, que a Embrapa tem atuado no melhoramento genético do trigo no Cerrado, criando e desenvolvendo cultivares mais adaptadas à região, principalmente mais tolerantes à seca e ao calor e também mais tolerantes às doenças. “Além de pesquisas relacionadas ao manejo do trigo no sistema de produção para que a cultivar desenvolvida seja plantada na melhor época, com arranjo de plantas, adubação e a proteção de plantas realizadas de forma adequada”.

Jorge destaca também que, além do desenvolvimento de pesquisas, a Embrapa tem atuado com ações de transferência de tecnologia junto à cadeia produtiva do cereal, principalmente a assistência técnica, organizando e participando de dias de campo, encontros técnicos etc. “Foco é difundir tecnologias, como novas cultivares e pesquisas de desen-

Goiás: Destaques municipais em produção de trigo - 2021

- 1º Cristalina
- 2º São João d'Aliança
- 3º Luziânia
- 4º Água Fria de Goiás
- 5º Cabeceiras
- 6º Formosa
- 7º Campo Alegre de Goiás
- 8º Catalão
- 9º Alto Paraíso de Goiás
- 10º Niquelândia



Fonte: Seapa

volvimento da cultura na região, assim como todos os benefícios que o cultivo de trigo traz aos sistemas produtivos”, cita.

O engenheiro agrônomo e gerente de Marketing Regional Cerrado da Ihara, Roberto Rodrigues Júnior, acrescenta que o Cerrado foi palco de uma bem-sucedida experiência guiada por pesquisa e adoção de tecnologias modernas, que se tornou uma revolução produtiva. “O projeto se tornou possível por uma série de ações, como o uso de variedades de trigo adaptadas ao clima e acesso a informações meteorológicas e sistemas de previsão, avanços em métodos de irrigação eficientes e conservação de água e do monitoramento de nutrientes, além de investimento em tratamentos culturais com fertilizantes e defensivos modernos. A formação de uma rede de parcerias públicas e privadas e forte apoio governamental canalizaram investimentos

em pesquisa, desenvolvimento e adaptação para o contexto do Cerrado de técnicas e práticas agrícolas inovadoras, em manejo integrado de pragas e doenças e melhoria da eficiência na aplicação de defensivos agrícolas, técnicas de plantio direto e manejo adequado da cobertura do solo e de rotação de culturas para melhorar a saúde do solo e evitar a exaustão de nutrientes, entre outras”, relata.

De acordo com ele, em ritmo constante de crescimento, as altas produtividades de trigo colhidas hoje no Cerrado podem levar o Brasil nos próximos anos a deixar de ser importador de trigo e ser autossuficiente na produção do grão. “Segundo dados da Embrapa Trigo, a média brasileira cresceu mais de cinco vezes nas últimas décadas, apoiada em pesquisa e desenvolvimento de soluções tecnológicas em todas as etapas, desde a seleção de sementes até a colheita. E boa parte desse salto exponencial foi

puxado pelo Cerrado. A produtividade média de trigo na região é de seis toneladas por hectare, já representando o dobro da média nacional”, revela.

Para Roberto, a cultura do trigo no Cerrado é um exemplo notável de como a combinação de tecnologia, inovação e práticas agrícolas sustentáveis pode superar desafios aparentemente impossíveis. “Os agricultores da região encontraram soluções adaptadas às condições específicas do Cerrado e estão colhendo os benefícios em produtividade e rentabilidade. O sucesso alcançado até agora abre caminho para o fortalecimento do setor agrícola e inspira outras regiões a explorar seu potencial agrícola, mesmo em contextos desafiadores. Especialistas afirmam que os bons resultados de produção do cereal poderão ser repetidos em lugares com diferentes condições climáticas, como o Norte e o Nordeste. Assim, novas fronteiras agrícolas poderão representar um salto de



produção ainda maior para o trigo brasileiro.

Assim como investir em tecnologia, conhecimento e uso consciente e produtivo dos recursos, o engenheiro agrônomo elenca que é preciso bom planejamento e técnicas de manejo adequadas, especialmente em relação às pragas da cultura. “Dentre os limitantes de produtividade estão doenças foliares, como Ferrugem, Manchas Foliares, Oídio e Brusone. O Brusone é, inclusive, o maior desafio da cultura do trigo na região do Cerrado brasileiro. Apesar dos avanços na resistência das cultivares, em anos com alta severidade da doença os danos ainda são impactantes”.

Ele diz que no combate contra toda a gama de doenças, a Ihara oferece tecnologias de alta performance, desde o tratamento de sementes até o cuidado em diferentes etapas do cultivo, com produtos como Fusão EC, Absoluto Fix e Cercobin. “Há também um amplo espectro de pragas que assolam o ‘ecossistema trigo’, com destaque para pulgões, percevejos, lagartas desfolhadoras e corós. A Ihara oferece proteção contra estes detratores de produtividade, com soluções como o produto Zeus”, lista.

Por fim, Roberto informa que é fundamental conhecer também as principais daninhas e saber evitá-las. “Como o azevém, que reduz drasticamente o rendimento de grãos e, por isso, precisa ser combatido fortemente antes mesmo de aparecer. Considerada uma das principais plantas daninhas da cultura, o azevém pode reduzir em 50% a produtividade das lavouras de trigo e diminuir a qualidade dos grãos. Estudos indicam que uma só planta de azevém por metro quadrado pode abater em 0,4% a produtividade final dos grãos de trigo. No combate ao azevém, o portfólio Ihara conta com uma tecnologia de altíssima eficiência na pré-emergência, que é o herbicida Yamato. Um produto revolucionário, que controla as daninhas com seletividade e proteção duradoura”, finaliza.

Wenderson Araújo/CNA



Agro mais forte com a presença feminina

Evento reuniu mais de 300 mulheres de todo o Estado na sede da Faeg, em Goiânia, para debater importantes assuntos do segmento

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais trouxe temas importantes para debate em um evento realizado no mês de agosto, em Goiânia (GO), como a profissionalização dos negócios no setor e a importância delas na sucessão familiar. Entre as participantes estava Fabíola Magalhães, que é advogada há alguns anos e optou por fazer transição de carreira, encontrando no agro um lugar para ficar. “Tive momentos difíceis e até pensei em desistir, mas, com ajuda da minha cooperativa e do Senar Goiás, consegui evoluir e hoje estou como coordenadora da Associação das Mulheres Cooperativistas da Comigo de Rio Verde”, explicou. Segundo ela, o Senar a possibilitou um grande crescimento, assim como para outras mulheres que já buscaram apoio para qualificação através da instituição. (veja quadro com os números)

O testemunho emocionado sensibilizou os presentes no encontro “Mulheres em Campo, Conexão e Protagonismo”. Várias mulheres que atuam em diferentes áreas do agro participaram em busca de conhecimento para enxergar novos meios de atuação no campo.

A abertura do evento foi feita pelo presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais e vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), José Mário Schreiner, valorizando e estimulando a presença feminina em diversos setores da sociedade. “Vocês, que vieram dos quatro cantos do Estado de Goiás, dos municípios mais distantes, mais próximos, para tratarmos da participação das mulheres nesse setor que é tão importante

para o nosso País. Para nós, é um orgulho muito grande e quero aqui cumprimentar todas vocês. Aqui, nós não temos fórmula mágica, aqui a gente constrói as soluções em conjunto e as mulheres são muito importantes nesse processo”, destacou.

Programação

Uma palestra abordou temas como o protagonismo da mulher no agronegócio e a sucessão familiar, processo que as mulheres conseguem atuar com muita maestria. “Eu sou filha e neta de produtores rurais e vivi um case de insucesso na sucessão familiar. Meu avô tinha uma área pequena, mas que reunia toda família trabalhando em

um mesmo espaço e sobrevivendo do que produziam, até que minha avó faleceu e tudo ganhou um outro rumo. Um tio começou a brigar por conta de um alqueire de terra e vocês podem imaginar o que aconteceu. Minhas tias receberam áreas menores, meu pai e os tios áreas maiores. O que trago aqui hoje é um conflito familiar que resultou em 25 anos sem se falarem. Não há reembolso por um tempo perdido, por isso as mulheres têm papel importante nesse processo”, conta a consultora e palestrante, Mariely Biff.

Ela ainda destacou a importância desse novo posicionamento das mulheres. “Existe a necessidade de re-





Palestrantes e participantes de painéis realizados durante o evento

ver os legados deixados para nós por nossas mães, avós e nos perguntar se estamos repetindo padrão ou estamos buscando fazer diferente e melhor a partir das experiências delas. Esse é o verdadeiro legado, continuar com amor, mas melhorar todos os dias. Melhorar nosso posicionamento profissional, a relação com nossa família, com os negócios”, confirma.

Fomentar o empreendedorismo e a liderança são ações importantes desenvolvidas pela Comissão de Produtoras Rurais da Faeg, presidida por Ângela Van Lieshout. Produtora rural, ela assumiu, há 2 anos, a área financeira da propriedade e sabe bem como é necessário se capacitar para atuar no agronegócio. “O agro daqui para a frente não será mais o mesmo. Temos um olhar diferente, um olhar que se alia ao emocional, ao racional, ao técnico e ao humano. Isso nos une, nos completa, nos faz melhor. Essa é a razão

e a importância de momentos como este, quando nos capacitamos, trocamos ideias e somamos ainda mais. É a oportunidade de descobrirmos que somos fortes e vamos à luta para sermos cada dia melhores. Viver significa lutar e nós, mulheres do agro, somos símbolo de luta. Luta em busca de liderança, em busca de inspiração para que mais mulheres ocupem espaços nos negócios, e façam a diferença em suas comunidades”, enfatizou.

As mulheres ocupam cada vez mais espaço no setor, seja em cargos técnicos até em esferas mais altas dentro das empresas. Na política, outra área importante para o bom desenvolvimento de questões econômicas e legislação que conduzem esse setor, como é o caso da deputada federal, Marussa Boldrin, em seu primeiro mandato já ocupa a cadeira de vice-presidente da Frente Parlamentar do Agro (FPA). “Nós contribuimos firmemente para a

produção agropecuária do nosso País, e eventos como esse são necessários para fortalecer e ampliar nossa rede de apoio”, ressalta Marussa.

O “Mulheres em Campo” também teve a participação da engenheira agrônoma e RTV de soja comercial da Bayer, Ana Carolina Duarte Rabelo. Ela proporcionou um panorama do compromisso da empresa em fomentar o empreendedorismo nas mulheres que atuam no campo. “O Prêmio Mulheres do Agro realizado pela Bayer, em suas cinco edições, já contou as histórias de mais de 700 agricultoras que são muito influentes, importantes em seus negócios e nas comunidades onde estão inseridas. O Conexão em Campo, no ano passado, realizou 85 encontros em todo Brasil. A Bayer quer trazer essas mulheres para se desenvolverem, exercendo função de liderança. A empresa está genuinamente preocupada em desenvolver projetos e ações para as mulheres que hoje trabalham no agronegócio. É tudo muito bem pensado para que eles se promovam, não só no negócio, mas na região e na família”, ressaltou.

Um painel de discussões foi moderado pela gerente de Formação Profissional Rural do Senar Goiás, Carolina Berteli, que é médica veterinária e assessora técnica da comissão Faeg Mulher, com as participações de Mariely Biff e Ângela Van Lieshout, além de Yula Cadette, engenheira agrônoma e produtora rural; Janaína Flor, economista e gestora de um dos primeiros confinamentos de bovinos do Brasil; além de Stéphanie Ferreira e Ana Carolina Duarte Rabelo.

A presidente da Comissão Nacional das Mulheres do Agro da CNA, Stéphanie Ferreira, participou de um debate sobre liderança feminina e falou sobre a representatividade das mulheres no setor agropecuário, destacando a atuação do Sistema CNA/Senar na capacitação de lideranças femininas. “A partir do momento que assumimos esse papel de liderança temos que nos preparar e a CNA atua juntamente com as comissões das federações de todo País, como a que promove esse evento aqui em Goiânia. O Estado de Goiás é pioneiro e cabe a nós da comissão nacional difundir esse trabalho para amparar outras que estão sendo implantadas em todo País, fortalecendo essa rede”, afirma Stéphanie Ferreira.

Dados da capacitação de Mulheres no Senar Goiás

20% das propriedades atendidas na ATeG são comandadas por mulheres

113 instrutoras credenciadas (48% do total)

81 técnicas de campo atuando (30% do total)

+150 mobilizadoras atuando nos sindicatos rurais

+25 mil mulheres são capacitadas em treinamentos do Senar por ano

6.627 horas de treinamento voltado para o empreendedorismo feminino já ministradas desde 2011

57% dos participantes do programa Faeg Jovem são mulheres

55% dos grupos dos grupos são coordenados por mulheres

19.089 mulheres foram atendidas no Programa Campo Saúde, nos últimos 3 anos

72.956 mulheres já fizeram EaD do Senar

Mulheres somam **51% dos colaboradores** do sistema Faeg/Senar/Ifag

Piscicultura 5.0: Inovação para um futuro sustentável



Jéssica Santos
é CEO da Startfish

A piscicultura desempenha um papel essencial na oferta global de alimentos, garantindo segurança alimentar e contribuindo para a economia global. Com o aumento populacional e a demanda por proteína animal em ascensão, a piscicultura evoluiu para a Piscicultura 5.0, uma abordagem que abraça a automação, digitalização, análise de dados e tecnologias avançadas. Seu foco é otimizar a produção, reduzir desperdícios, melhorar a qualidade e promover a sustentabilidade.

Essa revolução tecnológica tem como alvo direto o aumento da eficiência e produtividade na criação de peixes, enquanto busca simultaneamente reduzir os custos operacionais e minimizar os impactos ambientais. A Piscicultura 5.0 representa uma abordagem orientada para a produtividade e o custo-benefício, atendendo às necessidades prementes de produtores e à crescente demanda por proteína animal.

Um exemplo desse avanço é a StartFish, uma startup fundada,

em 2022, por um grupo de jovens empreendedores que emergiu da conclusão do Desafio Agro Startup. Eles identificaram uma oportunidade promissora em um mercado repleto de possibilidades, tendo ouvido atentamente as necessidades e os desafios enfrentados pelos produtores de peixes. Assim, a StartFish surgiu com a missão de solucionar esses problemas por meio da inovação tecnológica.

O equipamento desenvolvido pela empresa é uma solução completa, composta por sensores de monitoramento que analisam aspectos físico-químicos. Trata-se de um sistema de automação capaz de captar, em tempo real e simultaneamente, uma ampla gama de informações. Esses dados são então enviados para um aplicativo e outras plataformas digitais de propriedade da empresa, proporcionando aos produtores um conjunto abrangente de informações, que lhe permite prever possíveis problemas na criação dos peixes, tomando medidas preventivas an-

tes que ocorram eventos adversos que possam afetar negativamente a produção.

A combinação dessas tecnologias de ponta não apenas otimiza a produção, mas também aumenta a eficiência e a rentabilidade da operação, garantindo ao mesmo tempo o bem-estar dos animais e o cumprimento das melhores práticas de manejo na aquicultura. Essa abordagem inovadora está moldando o futuro da criação de peixes, tornando-a mais precisa, eficiente e sustentável.

A Piscicultura 5.0 tem benefícios abrangentes, como a conservação de recursos naturais, conformidade ambiental e uma produção sustentável alinhada com a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Com sua abordagem centrada em dados e tecnologia, a StartFish está desempenhando um papel crucial na transformação na produção aquícola, tornando a piscicultura mais eficiente em termos de custos, rentabilidade e sustentabilidade.



Prática para preparar profissionais

A Academia de Formação do Senar Goiás é um programa pioneiro para qualificação de formandos e formados em várias áreas do agro, que terão oportunidade de se tornarem instrutores e técnicos de Campo da instituição

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Fredox Carvalho

Lançada em agosto deste ano pelo Senar Goiás, a Academia de Formação recebeu mais de duas mil inscrições, no período de dez dias, na plataforma disponibilizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), por meio do Programa Inova Talentos. Mais de 500 pessoas se adequaram aos requisitos. Desse total, foram selecionados candidatos para participar das entrevistas. A iniciativa contempla 80 aprovados para receberem as bolsas durante a capacitação, acompanhando os técnicos de campo e os instru-

tores, em diversas regiões do Estado.

O treinamento terá duração máxima de até seis meses. Durante a qualificação dos futuros instrutores e técnicos de campo, a instituição ofertará bolsas de R\$ 1.500 para graduandos e de R\$ 2.500 para os graduados selecionados. “É difícil encontrar mão de obra qualificada. Precisamos investir para preparar profissionais para o dia a dia no campo. Mais de 80% dos produtores rurais são pequenos e médios. Precisam que a gente leve a inovação e a tecnologia até eles. Não tenho dúvida que teremos um avanço muito grande com a preparação desses profissionais”, ressalta o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais, José Mário Schreiner.

Participam estudantes e profissionais das áreas de medicina veterinária, zootecnia, engenharia agrônômica, engenharia pesqueira, recursos pesqueiros, aquicultura, engenharia de alimentos, nutrição,

biologia, bioquímica, tecnologia em agroindústria, laticínios e engenharia mecânica.

Das 80 vagas, 49 delas foram destinadas para estudantes que estão concluindo curso e 31 para os profissionais formados. “Nós buscamos atender uma defasagem de mão de obra no campo e esse programa é muito interessante para os acadêmicos de ciências agrárias e áreas afins, que estão finalizando seus cursos ou aqueles recém-formados, dando oportunidade de uma bolsa remunerada. Assim eles poderão acompanhar os instrutores do Senar Goiás e os técnicos de campo para adquirir esse conhecimento num período de seis meses, totalizando 360 horas. Posterior ao cumprimento dessa carga horária, eles terão a oportunidade de se tornar um prestador de serviço do Senar Goiás, atuando como instrutor ou técnico de campo”, explica o superintendente do Senar, Dirceu Borges.

Informes Batalhão Rural

Comando de Operações do Cerrado apresenta seu novo comandante



Divulgação



Divulgação

A solenidade de Passagem de Comando do Batalhão Rural da Polícia Militar do Estado de Goiás aconteceu na sede do COC. Durante o evento, o coronel PM Alexandre Saliba Sales passou o comando da unidade ao tenente-coronel PM Fábio Francisco da Costa.

O tenente-coronel Fábio Francisco Costa ingressou nas fileiras da Polícia Militar de Goiás em 20 de setembro de 2005. Possui diversos

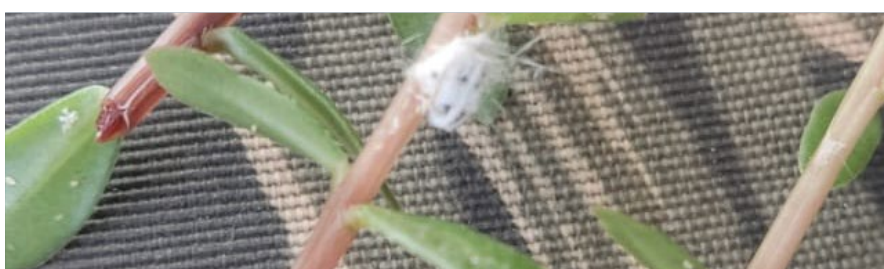
cursos operacionais e de aperfeiçoamento, como Curso Operacional de Rotam, Curso de Piloto Policial de Helicóptero e Curso de Instrutor de Tiro.

O novo comandante exerceu diversas funções operacionais na Corporação, dentre as quais destacamos Rotam Comando, comandante do Centro de Formação de Oficiais, comandante da CPE de Anápolis, comandante do 34º Bata-

lhão de Polícia Militar e comandante do Batalhão de Rotam.

O tenente-coronel Fábio Costa possui diversas condecorações e medalhas, entre as quais citamos Medalha de Destaque Operacional Anhangüera, nos graus Bronze, Prata e Ouro; Medalha da Ordem do Mérito Tiradentes, graus Comendador e Grande Oficial; e Medalha da Ordem do Mérito da Segurança Pública Governador Mauro Borges Teixeira, grau Comendador.

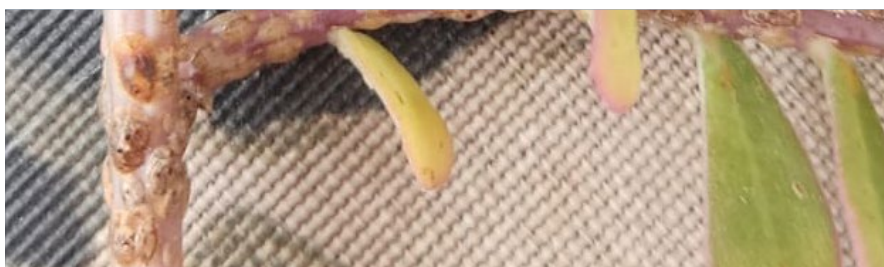
No âmbito de sua nova posição à frente do Batalhão Rural, o tenente-coronel Fábio Francisco Costa assume o compromisso de dar continuidade ao trabalho já em andamento, que tem sido uma fonte de paz e tranquilidade para a comunidade rural em Goiás.



Divulgação

Pulgões nas plantas ornamentais

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail revistacampogoias@gmail.com. Participe!

Alexandra Parreira, de Goiânia, quer saber o que são as espécies de algodões que ficam no caule de uma planta ornamental que ela tem em casa. Juntamente com eles, têm insetos parecidos com pulgões grudados nos galhos que sugam a seiva da planta, secando de cima para baixo.

Dúvida | Como resolver isso?

Resposta: O problema relatado nas plantas ornamentais se dá pela associação de pulgões e cochonilhas. Muito comum em períodos de seca, a cochonilha branca é uma praga de coloração branca, isso se deve ao acúmulo de cera branca na superfície do corpo, uma vez que é desprovida de carapaça. Sugadora de seiva, ela costuma atacar hortaliças e frutíferas, podendo levá-las à morte quando não identificada e tratada corretamente. As cochonilhas brancas não gostam de chuva e preferem ambientes secos. Portanto, em plantas ornamentais, em períodos quentes e com baixa umidade, é importante fazer o monitoramento de vasos ou canteiros. Uma observação periódica das plantas, em especial, do verso das folhas, é fundamental.

Além disso, as cochonilhas expelem um líquido açucarado que atrai formigas, outro indicativo do problema. O ataque das cochonilhas ocorre em plantas que estão submetidas a condições ambientais e/ou nutricionais impróprias. Portanto, evite a falta de água, déficit de nutrientes e adubação em excesso.

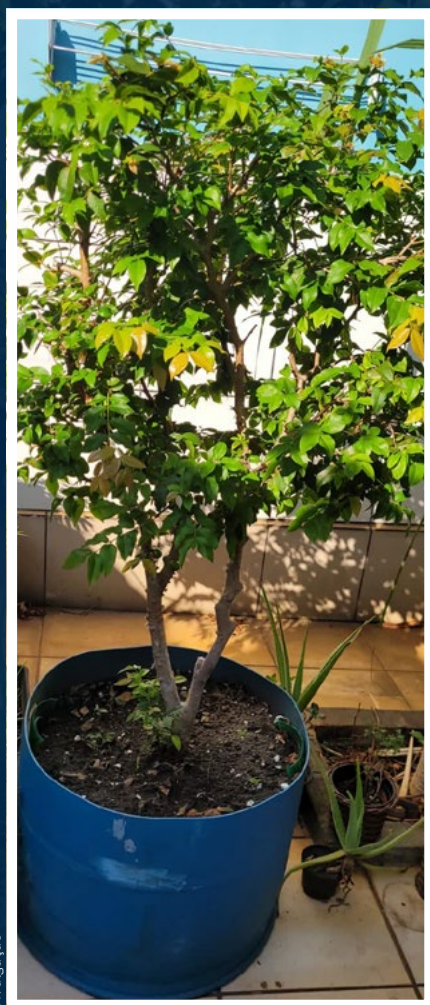
Uma vez identificada, o primeiro passo do tratamento é retirar as pragas. O método de controle mais comum é o uso de soluções caseiras, como por exemplo, o detergente neutro e óleo mineral. A receita é prática, basta acrescentar 50 ml de detergente neutro e 5 ml de óleo mineral para 2 litros de água. A solução deve ser borrifada nas plantas uma vez por semana durante todo mês até a erradicação da praga.

Dúvida respondida pela engenheira agrônoma e técnica de campo do Senar Goiás, Vanessa Reuel Alves Silva.

Jabuticabeira sem frutas

O Dilson Sérgio, de Goiânia, tem uma jabuticabeira de seis anos. Já foi podada duas vezes e é sempre adubada com terra preta, esterco de galinha, torta de mamona, substrato de pinus, coco, carvão vegetal e mamona. É regada duas vezes por dia e toma sol o dia todo. A planta deu frutos uma única vez quando era mais jovem. É mito ou verdade que para ela voltar a produzir terá que ter outra jabuticabeira por perto para ter polinização das flores? Além disso, o que pode ser feito para voltar a dar frutos?

X Mito!



Divulgação

A resposta é não! Esse é outro boato bastante comum. As flores das jabuticabeiras são hermafroditas e possuem a capacidade de se autopolinizar. Portanto, é possível ter muitas jabuticabas com apenas uma árvore. As razões para a falta de frutos estão associadas à dificuldade de frutificação, desde a forma como foi feita a propagação da árvore, erros durante o manejo ou questões de manutenção da jabuticabeira.

Muitos fatores são responsáveis pela falta de produtividade de uma jabuticabeira. Entre eles, existe a própria maturidade da frutífera. As jabuticabeiras plantadas por semente demoram entre oito a doze anos para frutificar. Pés de jabuticaba que foram plantadas a partir de enxertos produzem mais rápido que as plantadas por semente. Entretanto, essas últimas costumam durar e frutificar por muito mais tempo que as enxertadas. Independentemente do método, a propagação da jabuticaba está sujeita a erros. A justificativa para isso é que a jabuticabeira é uma vegetação de enraizamento complicado. Esse processo impacta diretamente o desenvolvimento da espécie, o que pode estar dificultando a frutificação.

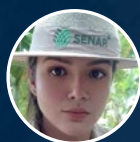
As raízes do pé de jabuticaba comumente sofrem envelhecimento, em especial, se a árvore foi plantada em vaso e fez transplante para

o atual local. Nesses casos, transplante a fruteira novamente, dessa vez retirando as raízes mais inferiores ao torrão.

Para uma boa produção, os cuidados com o cultivo de jabuticaba devem estar em dia. Por exemplo, certos elementos são essenciais para o surgimento dos frutos. Então, se a vegetação está sofrendo com deficiências nutricionais, a frutificação pode ser comprometida.

É possível tentar estimular o desenvolvimento da espécie fazendo adubações orgânicas regulares, de preferência a cada três meses com esterco curtido e calcário. Prosseguir com regas abundantes, visto que a jabuticabeira gosta de bastante água e essa etapa também afeta a produção, investir também em espaços bastante ensolarados e ventilados.

Outra dica diz respeito às podas. A baixa produção de frutos pode ocorrer devido ao excesso de ramos na árvore, o que impede que os raios solares alcancem a região interna da copa. Se o problema do pé de jabuticaba que não dá frutos persistir, outras questões como fungos e outros patógenos que causam doenças e enfraquecem a vegetação devem ser investigadas, pois alguns desses invasores infectam as flores e prejudicam a produção de frutos, em especial, em ambientes ideais para sua proliferação.



Dúvida respondida pela engenheira agrônoma e técnica de campo do Senar Goiás, Vanessa Reuel Alves Silva.

Divulgação



Soja

01 a 31/08/2023

Oleaginosas tem um mês de queda na CBOT

O mês de agosto foi marcado por oscilações da soja na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT). A produção da oleaginosa norte-americana que caminha para o início da colheita, e as divulgações das qualidades das lavouras gerou interfere nos preços. Tais fatores geraram volatilidade nos preços da oleaginosa, no mercado externo e interno.

Os preços no Brasil tiveram oscilações durante todo o mês, os preços chegaram a ganhar pontos, porém, não conseguiram se manter. No decorrer das semanas, os preços apresentaram volatilidade e fecharam no negativo na maioria das vezes. As estimativas feitas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) através do 12º levantamento de safra, estimou em produção recorde chegando a 154 milhões de toneladas, aumento de 23,1% frente ao ciclo anterior. A alta demanda e conflitos externos influenciaram diretamente os preços da oleaginosa durante o mês de agosto.



De acordo com o boletim da Conab a produção da oleaginosa chegou a 154 milhões de toneladas, aumento de 23,1 % frente ao ciclo anterior.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos de agosto/23.



Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de agosto de 2023.

Descrição	Valor 01/08	Valor 31/08	Diferença
Soja Disponível	R\$122,58	R\$127,36	R\$ 4,87
Soja Balcão	R\$115,20	R\$119,67	R\$ 4,47
Soja Futuro	R\$110,20	R\$116,34	R\$ 6,14



Milho

01 a 31/08/2023

Conflitos externos e produção recorde influenciaram o preço do cereal brasileiro

O mercado seguiu oscilando durante o mês de agosto na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT) e na Bolsa Brasileira (B3), o início da colheita norte-americana, bem como a condição das lavouras gerou influência na bolsa de Chicago.

Na B3 os preços do milho balcão caminharam em campo negativo. Apesar disso, o milho futuro apresentou durante o mês de agosto movimentações de alta. Vale destacar o cenário brasileiro, onde a colheita já chega às últimas áreas, e com isso já temos um norte para a real produção brasileira, que outrora era firmada por estimativas. As estimativas feitas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) através do 12º levantamento de safra, estimou produção recorde para o milho 2º safra, chegando a 102 milhões de toneladas, aumento de 16,6% comparado à safra anterior. Devido a uma oferta abundante do cereal, tal fato gerou queda nos preços.



O panorama divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), através do 12º levantamento de safra, estimou produção recorde para o milho 2º safra, chegando a casa dos 102 milhões de toneladas, aumento de 16,6% comparado à safra anterior.

Gráfico 1 - Evolução dos preços dos contratos de agosto/23.



Tabela 1 - Variação do preço do milho em Goiás no mês de agosto de 2023.

DESCRIÇÃO	VALOR 01/08	VALOR 31/08	DIFERENÇA
Média do Estado	R\$ 38,34	R\$ 40,73	R\$2,39
Milho Futuro	R\$ 40,27	R\$ 37,50	R\$ -2,77
Rio Verde	R\$ 38,00	R\$ 42,00	R\$ 4,00



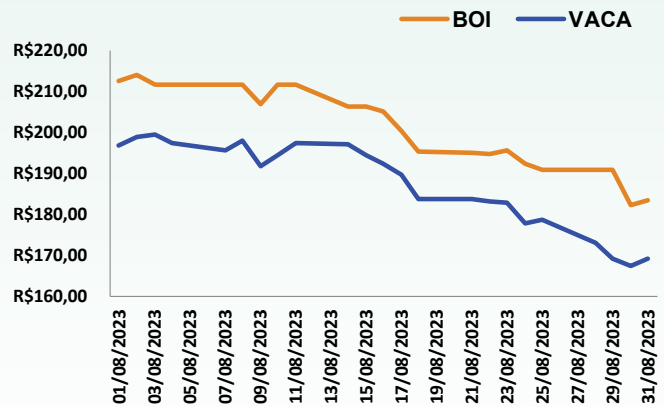
Preço da arroba no mês de agosto apresenta queda

O mês de agosto/23, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contando 23 dias úteis até a 5ª semana, exportou de carne bovina 185,36 mil toneladas, com uma média diária de 8,05 mil toneladas, número representa queda de -8,8% nos embarques. O preço pago por tonelada também apresentou variação negativa de -26,4%. No mercado nacional, analisando o indicador boi gordo CEPEA/B3, a média das cotações no mês de agosto/23 foi de R\$220,35 por arroba, com variação negativa de -16,78%. O mercado do boi gordo experimentou uma redução nos preços por arroba devido à oferta abundante de animais confinados, permitindo que os frigoríficos exerçam pressão devido à situação favorável das programações de abate. No mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações da arroba do boi gordo foi de R\$201,53 com variação de -13,65% no comparativo mensal. Para vaca gorda, a média das cotações foi de R\$187,57 com variação de -13,97% no comparativo mensal. O mercado físico de boi gordo registrou queda nos preços devido ao

grande estoque de animais prontos e de carne nas câmaras frias, que é agravado pela dificuldade em escoar os produtos para o mercado.

As escalas apresentaram média de 9 a 14 dias durante o mês de agosto. No mercado de reposição o que foi observado foram quedas nos preços e uma maior procura por garrotes (13 a 24 meses).

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG

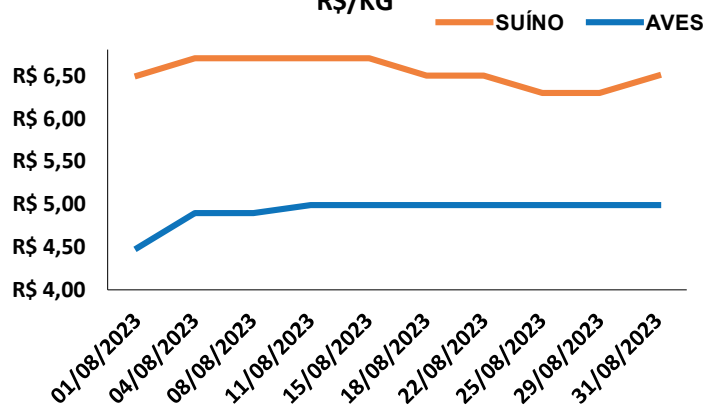


A escassa procura por suínos vivos está exercendo pressão sobre os preços

As exportações no mês de agosto/23, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), para carne de aves, contando 23 dias úteis até a 5ª semana do mês, foi de 416,38 mil toneladas. Com uma média diária exportada de 18,10 mil toneladas, número que representa elevação de 4,6% nas exportações. O preço pago por tonelada apresentou queda de 13,0% no comparativo com o mesmo período do ano anterior. Para carne suína foram exportadas 100 mil toneladas, com média diária de 4,34 mil toneladas, número que representa queda de 5,9% nas exportações. O preço pago por tonelada de carne suína, apresentou queda de 0,3% da proteína. Para o mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações para o frango vivo no último mês de agosto/23, foi de R\$4,93/kg com variação 11% no comparativo. Para a carne suína, a média das cotações no estado foi de R\$6,54/kg no comparativo mensal, sem variação. O mercado demonstrou pouca reação nos preços devido ao mercado desaquecido, com a demanda baixa.

O milho, conforme dados coletados e divulgados pelo IFAG, apresentou média de R\$39,48/sc com variação de 6,23% no comparativo mensal. O mercado segue com os consumidores mantendo uma postura retráida e inalterada, apostando em preços mais fracos no curto prazo, à medida que avaliam as colheitas em andamento e as questões de armazenamento dos produtores.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



Frutas apresentaram recuperação das cotações no mês de agosto

Os preços dos hortifrúti apresentaram oscilações em sua maioria, com referência até o dia 31 de agosto. Produtos como, Banana Prata, Laranja Pêra Rio, Limão Taiti e Melancia, apresentaram alta. O maior avanço foi do Limão Taiti com (97,22%) referente ao mês anterior.

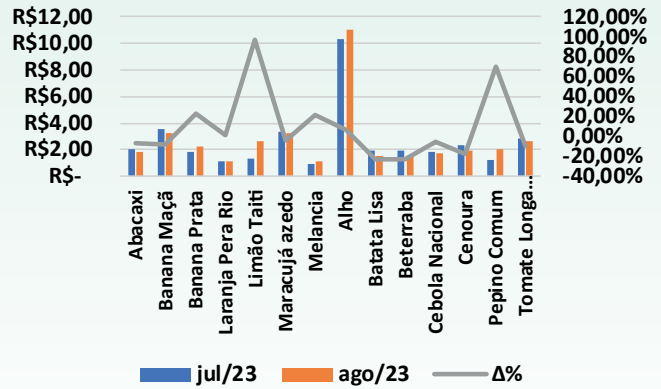
Para a banana maçã, o mês não foi favorável e a fruta acabou registrando desvalorização das cotações devido a alta oferta. No comparativo com o mês de julho a fruta obteve declínio de (-8,34%), valor bastante diferente e distante dos demais produtos, assim, como foi mostrado no gráfico. Com relação ao mercado das hortaliças, a cenoura, assim como foi apresentado no Infosenar de julho, foi a 3ª hortaliça que mais apresentou queda no mês de agosto.

As cotações caíram expressivamente nas principais regiões produtoras. A beterraba apresentou queda de (-22,86%) em Goiás. O declínio no mercado apresentado no primeiro parágrafo, é consequência da queda na demanda e aumento da oferta e mudanças climáticas na região Centro-Oeste. No comparativo com o mês de julho, a melancia teve variação positiva de 20,90% e o banana prata 23,08% com o kg da fruta a R\$2,20/kg.

Gráfico - Comparativo da Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás

Variação Mensal Hortifruti Goiás 2023

(comparativo mensal)



Fonte: Associação de produtores - Ceasa-GO; Elaboração: IFAG



Chuvvas chegam no Centro-Oeste ainda em agosto

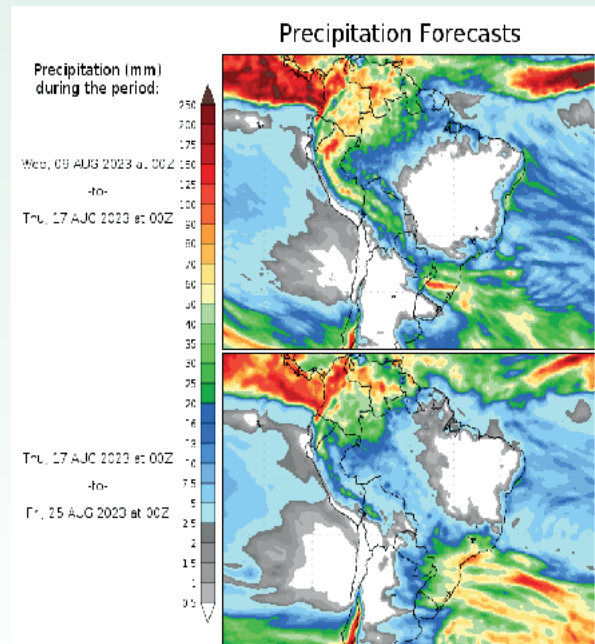
O mês de agosto ficou marcado por altas instabilidades e também pelos ciclones que afetaram praticamente todas as regiões do extremo Sul brasileiro.

Essas condições climáticas são influenciadas por uma massa de ar frio que vem do Oceano Atlântico. Além disso, o mês de agosto ficou marcado por chuvas na região Centro-Oeste, o que é muito atípico para o período e para a região.

Recentemente o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia) publicou uma previsão que apresenta essas precipitações, que chegaram a até 40mm no Mato Grosso, e 20mm em Goiás.

Além disso, vale salientar que as temperaturas demonstraram grande amplitude térmica no mês de agosto, com máximas de até 36°C e mínimas chegando a 16°C, isso vem acontecendo muitas vezes em um mesmo local. Já quanto a umidade relativa do ar podemos afirmar que houve uma melhora e trouxe alívio para a população. Apesar disso, é importante reiterar que ainda não é o momento de plantio, essa atenção vale para aqueles produtores que estão planejando suas safras de verão.

Figura - Previsões de precipitação,,,



(Fonte: NOAA)

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3241-5252
www.ifag.org.br

Bolo com sabor de primavera

Receita elaborada por Nathier Helen da Silva Pinheiro, participante do Festival de Receitas do Campo – Hidrolândia/Nova Fátima

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Sabe aquela tradição das avós de aproveitar as frutas de época para criar receitas e não deixar desperdiçar o que a natureza produz? Pois é, dessa vontade nasceu uma experiência que deu muito certo. Nathier Helen da Silva Pinheiro, moradora de Hidrolândia/Nova Fátima, em Goiás, ao ver a abundância de jabuticaba no município, descobriu um fim delicioso para a safra da fruta. “Sou uma adoradora de bolos. Gosto de bolo simples e caseiro. Sendo assim, estou sempre me aventuran-

do em novos sabores de bolos. Como temos jabuticabas disponíveis, durante a safra gosto sempre de fazer o bolo de jabuticaba, juntamente com o doce da casca que uso como cobertura e a geleia de jabuticaba. Fica uma delícia! Em casa já virou marca registrada. Na época de jabuticaba, sempre haverá um bolo de jabuticaba para o lanche”, conta ela, que participou do Festival de Receitas do Campo. Nathier traz a receita para você neste mês de safra de jabuticaba. Aproveite para experimentar.

Bolo

Ingredientes

- 04 ovos
- 02 xícaras (chá) de jabuticabas (inteiras e maduras)
- 01 xícara e ½ (chá) de açúcar
- ½ xícara (chá) de óleo de girassol
- 01 xícara e ½ (chá) de farinha de trigo
- ½ xícara (chá) de amido de milho
- ½ xícara (chá) de doce da casca de jabuticaba
- 01 colher (sopa) de fermento químico em pó
- 01 xícara (chá) geleia de jabuticaba (para cobertura)

Modo de Preparo

No liquidificador, bater os ovos, as jabuticabas, o açúcar e o óleo por três minutos. Em uma tigela, colocar os ingredientes secos (farinha e amido) e acrescentar, aos poucos, a mistura do liquidificador. Misturar até ficar homogêneo. Acrescente o doce da casca da jabuticaba à massa, delicadamente, por último junte o fermento em pó. Colocar a massa em forma untada e enfarinhada com açúcar. Leve ao forno médio (180°C), preaquecido, por cerca de 40 minutos, deixe o bolo esfriar, desenforme e cubra com geleia à gosto. Enquanto o bolo está no forno hora de preparar a geleia.

Geleia

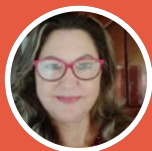
Ingredientes

- 1 kg de jabuticaba
- 500 grs de açúcar
- Suco de 1 limão

Modo de Preparo

Lave bem as jabuticabas. Corte e separe as cascas do miolo. Coloque as cascas em uma panela, cubra com água e leve ao fogo, até levantar fervura. Abaixar o fogo e cozinhe por uns 10 minutos. Escorra e despreze a água. Isso diminui o gosto amargo. Transfira as cascas para o liquidificador com um pouco de água e pulse algumas vezes. Cuidado para não triturar demais. Meça a quantidade de cascas batidas em uma jarra medidora. Junte metade dessa medida em açúcar. Volte tudo para a panela e acrescente um pouco de suco de limão (dependendo da quantidade de jabuticaba use o suco de 1/2 a 1 limão). Misture bem e leve ao fogo. Cozinhe até começar a engrossar, mexendo ocasionalmente. Caso não utilize toda a geleia transfira para vidros esterilizados e guarde na geladeira.





Alecrim: aroma e sabor marcantes

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Nome científico: *Rosmarínico officinalis* L.

Nomes populares: alecrim-de-jardim, alecrim-rosmarino, libanotis



AdobeStock

Os benefícios do alecrim são conhecidos na medicina popular desde a antiguidade. Seu aroma e sabor, característicos e marcantes, estão sendo utilizados como condimento. É crescente o uso de alecrim na culinária, nas receitas de pães, carnes, saladas, além de conservante natural de alimentos e até em drinks.

Entretanto, é preciso ter cuidado com o consumo excessivo desta planta. Determinado grupo de pessoas, como os hipertensos, não reagem bem após o uso de chá com excesso da planta, por isso atenção na maneira de preparo e dosagem.

Mas o que poucas pessoas sabem é que, se preparado adequadamente, o alecrim ajuda a aliviar o cansaço físico e mental, melhora a memória, como calmante, auxilia na digestão, problemas respiratórios, tosse, entre outras indicações.

• Chá por infusão

Ingredientes

Parte usada: folhas

1 colher de sopa de folhas de alecrim

4 xícaras de água

Modo de Preparo

Colocar água para ferver. Quando abrir a fervura, colocar as folhas, limpas e picadinhas na água. Deixar esfriando por trinta minutos e coar. Tomar quatro xícaras ao longo do dia. Poderá ser feito também uma tintura com as folhas do alecrim para uso tópico no couro cabeludo, também para machucados e escoriações, já que o alecrim é antisséptico.

• Tintura para machucados

Ingredientes

60 gramas de folhas de alecrim

300 ml álcool 70%

Modo de Preparo

Em um vidro (pode ser utilizado um vidro de conserva, como os de azeitona), estreito, limpo e esterilizado, colocar as folhas limpas e picadas. Completar com álcool 70%. Curtir por 15 dias e coar. Passar o conteúdo para um vidro âmbar e utilizar este líquido em machucados e escoriações.

• Tônico capilar

Ingredientes

1 colher de sopa de folhas de alecrim

1 xícara de água

1 shampoo 500 ml, da sua preferência

Modo de Preparo

Bater as folhas no liquidificador com a água. Coar e colocar este líquido no seu shampoo. Lavar os cabelos normalmente.



Riscos toxicológicos: contraindicada durante a gravidez, por pessoas com obstrução ou doença grave da vesícula biliar, próstata, gastroenterites e para pessoas que tenham tido convulsão, o uso excessivo pode causar taquicardia.




A Nissan Frontier tem um designer elegante e agrega toda robustez junto com a tecnologia de um carro japonês.



✓ Bônus de 40 mil ✓ Taxa zero

✓ Super valorização do seu usado .

 No Trânsito, escolha a vida.

 NISSAN
INTELLIGENT
MOBILITY



FALE CONOSCO

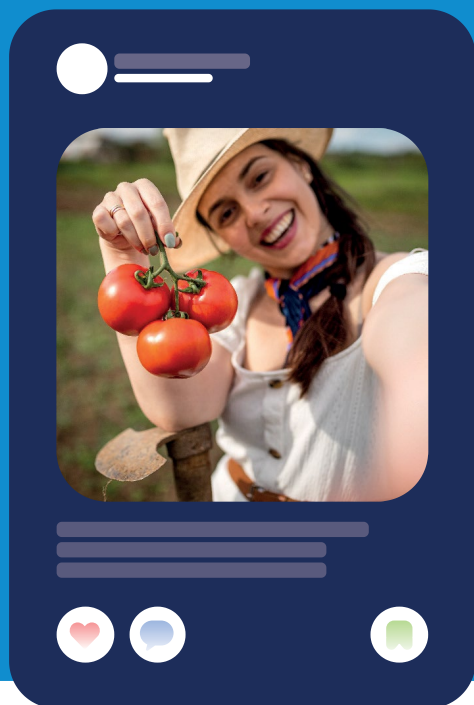
Explore as **oportunidades** do mundo digital



NOVO CURSO DO SENAR GOIÁS

Meu produto nas redes sociais: por onde começar?

Saiba como utilizar as redes sociais do momento (Instagram, Facebook e WhatsApp) para divulgar produtos agrícolas e potencializar o seu negócio rural



Online



Gratuito



Curta duração

Conheça melhor o curso e **garanta sua vaga!**

Acesse ead.senargo.org.br ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code:

